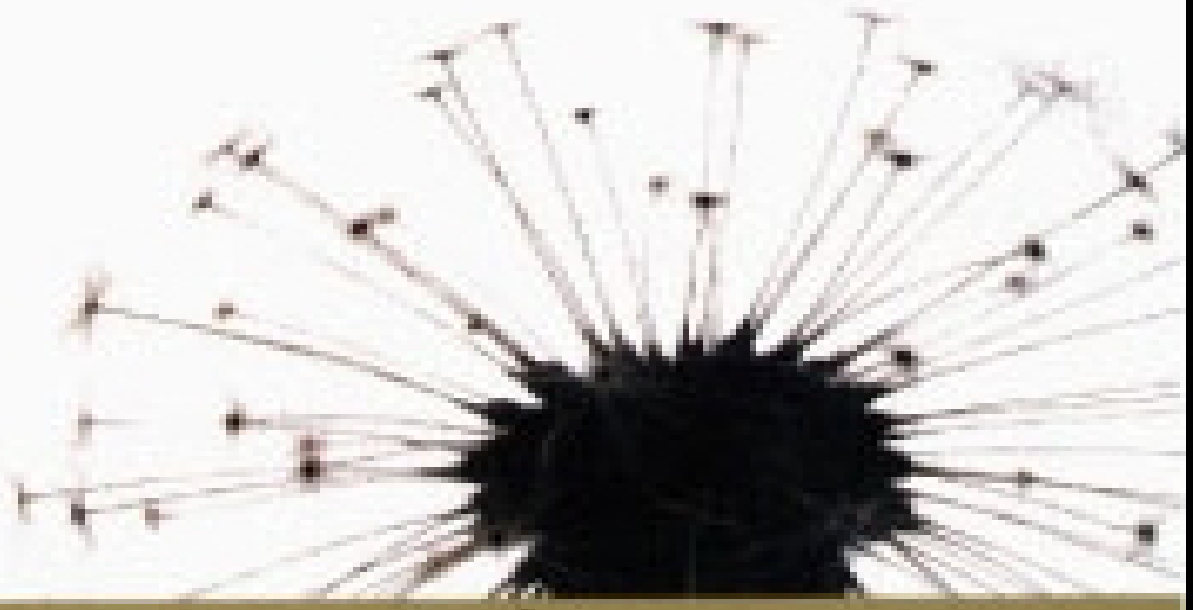
A rua dos Cataventos



Mario Quintana



EDIÇÕES EREMITA

MÁRIO QUINTANA

A RUA DOS CATAVENTOS

Coleção LPM Pocket v. 71

LPM - 1997



Conversão para EPUB:
EREMITA

Conforme a nova ortografia
da língua portuguesa

Este arquivo pode ser livremente distribuído, desde que citada a fonte da editoração eletrônica.

Este livro foi editado originalmente com o título de Antologia poética.

Em 2004 o título foi mudado para Quintana de Bolso, sem nenhuma modificação no seu conteúdo.Os poemas incluídos nesta Antologia foram selecionados dos livros: A Rua dos Cataventos, Canções, O Aprendiz de Feiticeiro, Espelho Mágico, Apontamentos de História Sobrenatural, Baú de Espantos, Preparativos de Viagem e A Cor do Invisível, todos editados pela Editora Globo, a quem agradecemos pela cessão para esta obra.

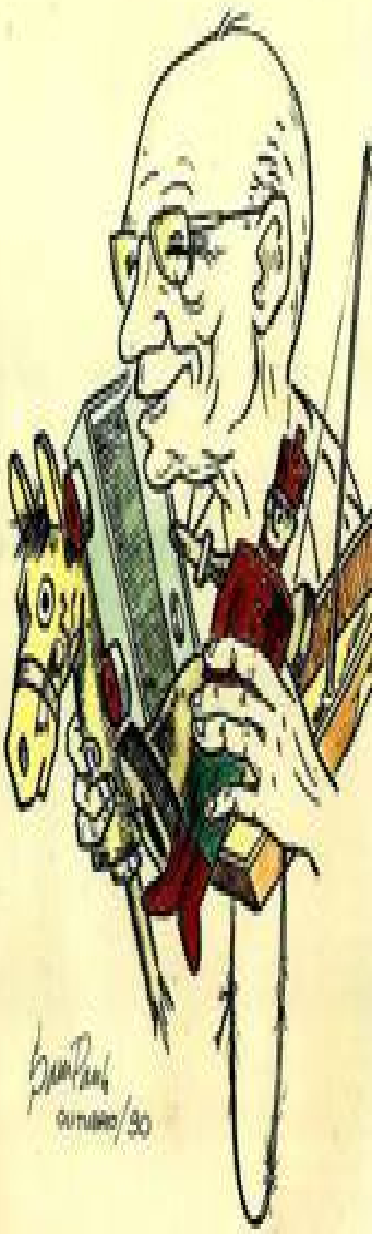
« NÃO VOS ILUDA O VELHO QUE AQUI VAI:

EU QUERO OS MEUS BRINQUEDOS NOVAMENTE!

SOU UM POBRE MENINO... ACREDITAI...

QUE ENVELHECEU, UM DIA, DE REPENTE! »

("A RUA DOS CATAVENTOS" - DO SONETO VIII)



Do quotidiano, cada
vez mais quotidiano!

outubro/90

Sumário

CAPA
Folha de Rosto
Créditos
Apresentação
A Rua dos Cataventos
CANÇÕES
canção da primavera
canção de um dia de vento
canção de outono
canção do suicida
pequena crônica policial
canção de barco e de ouvido
O APRENDIZ DE FEITICEIRO
o poema
o poema do amigo
obsessão do mar oceano
ao longo das janelas mortas
no silêncio terrível
ESPELHO MÁGICO
da observação
do estilo
das belas frases
do cuidado da forma
dos mundos
das corcundas
das utopias
dos milagres
das ilusões
dos nossos males
da eterna procura
do pranto
do sabor das coisas
dos sistemas
do exercício da filosofia

das idéias
da amizade entre mulheres
da felicidade
da realidade
do amoroso esquecimento
da discrição
da preguiça
do ovo de colombo
do mal da velhice
da moderação
da calúnia
da experiência
de como perdoar aos inimigos
da condição humana
da própria obra
APONTAMENTOS DE HISTÓRIA SOBRENATURAL
elegia
canção de inverno
o espelho
o auto-retrato
mundos
pequeno poema didático
olho as minhas mãos
poema
poema olhando um muro
o morituro
o velho do espelho
cavalo de fogo
presença
a morte é que está morta
eu queria trazer-te uns versos muito lindos
a carta
noturno III
if…
entressono
cadeira de balanço
o morto

o mapa
sesta antiga
carta desesperada
tia élida
ESTE QUARTO…
os parceiros
para telmo vergara
o poeta e a ode
BAÚ DE ESPANTOS
quinta coluna
poema transitório
o homem do botão
era um lugar
o descobridor
maria
torre azul
os arroios
deixa-me seguir para o mar
noturno da viação férrea
querias que eu falasse de
parece um sonho…
1953
invitation au voyage
o último crime da mala
os ceguinhos
a missa dos inocentes
os degraus
alma errada
o olhar
data e dedicatória
o fatal convívio
as meninazinhas
soneto póstumo
1952
uma alegria para sempre
astrologia
um céu comum

ESCONDERIJOS DO TEMPO
os poemas
se o poeta falar num gato
intermezzo
vida
preparativos para a viagem
a casa grande
o baú
ray bradbury
alquimias
as cidades pequenas
crônica
solau à moda antiga
o poeta canta a si mesmo
a canção da vida
as mãos de meu pai
PREPARATIVOS DE VIAGEM
quem disse que eu me mudei?
primeiro poema de abril
o gato
poeminha sentimental
o velho poeta
sempre que chove
o último poema
a imagem perdida
A COR DO INVISÍVEL
porto parado
as estrelas
1934
carta
jardim interior
a mudança
magias
o futuro
dedicatória
não basta saber amar…
inscrição para um portão de cemitério

quem ama inventa
à maneira de jacques pré vert
verão
o silêncio
o umbigo
estatística
as civilizações
ah! os relógios
matinal
POEMA
fantástica
1923
do ideal
essa lembrança que nos vem
lágrima
maquinações da insônia
esses inquietos ventos
1935
o que o vento não levou
OBRA DE MÁRIO QUINTANA

°SUMÁRIO

A RUA DOS CATAVENTOS

Escrevo diante da janela aberta / Dorme, ruazinha… / Quando meus olhos de manhã se abriram / Eu nada entendo da questão social / Na minha rua há um menininho doente / Avozinha garoa vai cantando / Recordo ainda… / É a mesma ruazinha sossegada / Eu faço versos como os saltimbancos / Este silêncio é feito de agonias / Dentro da noite alguém cantou / O dia abriu seu pára-sol bordado / Da vez primeira que me assassinaram / Gadêa… Pelichek… Sebastião… / Sobre a coberta o lívido marfim / Que bom ficar assim, horas inteiras / Quando eu morrer e no frescor da lua

CANÇÕES

Canção da primavera / Canção de um dia de vento / Canção de outono / Canção do suicida / Pequena crônica policial / Canção de barco e de olvido

O APRENDIZ DE FEITICEIRO

O poema / O poema do amigo / Obsessão do Mar Oceano / Ao longo das janelas mortas / No silêncio terrível

ESPELHO MÁGICO

Da observação / Do estilo / Das belas frases / Do cuidado da forma / Dos mundos / Das corcundas / Das utopias / Dos milagres / Das ilusões / Dos nossos males / Da eterna procura / Do pranto / Do sabor das coisas / Dos sistemas / Do exercício da filosofia / Das idéias / Da amizade entre as mulheres / Da felicidade / Da realidade / Do amoroso esquecimento / Da discrição / Da preguiça / Do ovo de Colombo / Do mal da velhice / Da moderação / Da calúnia / Da experiência / De como perdoar aos inimigos / Da condição humana / Da própria obra

APONTAMENTOS DE HISTÓRIA SOBRENATURAL

A beleza dos versos impressos em livro / Elegia / Canção de inverno / O espelho / O auto-retrato / Mundos / Pequeno poema didático / Olho as minhas mãos / Poema / Poema olhando um muro / O morituro / O velho no espelho / Cavalo de fogo / Presença / A morte é que está morta / Eu queria trazer-te uns versos muito lindos / A carta / Noturno III / If… / Entre-sono / Cadeira de balanço / O morto / O mapa / Sesta antiga / Carta desesperada / Tia Élida / Este quarto / Os parceiros / Para Telmo Vergara / O poeta e a ode

BAÚ DE ESPANTOS

Quinta coluna / Poema transitório / O homem do botão / Era um lugar / O descobridor / Maria / Torre azul / Os arroios / Deixa-me seguir para o mar / Noturno da viação férrea / Querias que eu falasse de "poesia"! / Parece um sonho… / Invitation au voyage / O último crime da mala / Os ceguinhos / A missa dos inocentes / Os degraus / Alma errada / Num país de nostálgicos nevoeiros / O olhar / Data e dedicatória / O fatal convívio / As meninazinhas / Soneto pós-turno / Uma alegria para sempre / Astrologia / Um céu comum

ESCONDERIJOS DO TEMPO

Os poemas / Se o poeta falar num gato / Intermezzo / Vida / Preparativos para a viagem / A casa grande / O baú / Ray Bradbury / Alquimias / As cidades pequenas / Crônica / Solau à moda antiga / xxxxxxxxx / O poeta canta a si mesmo / A canção da vida / As mãos de meu pai

PREPARATIVOS DE VIAGEM

A louca agitação das vésperas de partida / Quem disse que eu me mudei? / Primeiro poema de abril / O gato / Poeminha sentimental / O velho poeta / Sempre que chove / O Último poema / A imagem perdida

A COR DO INVISÍVEL

Porto parado / As estrelas / Carta / Jardim interior / A mudança / Magias / O futuro / Dedicatória / Não basta saber amar… / Inscrição para um portão de cemitério / Quem ama inventa / À maneira de Jacques Prévert / Verão / O silêncio / O umbigo / Estatística / As civilizações / Ah! Os relógios / Matinal / Eu escrevi um poema triste / Poema / Fantástica! / Do ideal / Essa lembrança que nos vem / Lágrima / Maquinações da insônia / Esses inquietos ventos / O que o vento não levou

A Rua dos Cataventos

I

Escrevo diante da janela aberta.
Minha caneta é cor das venezianas:
Verde!… E que leves, lindas filigranas
Desenha o sol na página deserta!

Não sei que paisagista doidivanas
Mistura os tons… acerta… desacerta…
Sempre em busca de nova descoberta,
Vai colorindo as horas quotidianas…

Jogos da luz dançando na folhagem!
Do que eu ia escrever até me esqueço…
Pra que pensar? Também sou da paisagem…

Vago, solúvel no ar, fico sonhando…
E me transmuto… iriso-me… estremeço…
Nos leves dedos que me vão pintando!

II

Dorme, ruazinha… É tudo escuro…
E os meus passos, quem é que pode ouvi-los?
Dorme o teu sono sossegado e puro,
Com teus lampiões, com teus jardins tranquilos…

Dorme… Não há ladrões, eu te asseguro…
Nem guardas para acaso perseguí-los…
Na noite alta, como sobre um muro,
As estrelinhas cantam como grilos…

O vento está dormindo na calçada,
O vento enovelou-se como um cão…
Dorme, ruazinha… Não há nada…

Só os meus passos… Mas tão leves são
Que até parecem, pela madrugada,
Os da minha futura assombração…

III

Quando meus olhos de manhã se abriram,
Fecharam-se de novo, deslumbrados:
Uns peixes, em reflexos doirados,
Voavam na luz: dentro da luz sumiram-se…

Rua em rua, acenderam-se os telhados.
Num claro riso as tabuletas riram.
E até no canto onde os deixei guardados
Os meus sapatos velhos refloriram.

Quase que eu saio voando céu em fora!
Evitemos, Senhor, esse prodígio…
As famílias, que haviam de dizer?

Nenhum milagre é permitido agora…
E lá se iria o resto de prestígio
Que no meu bairro eu inda possa ter!…

IV

Eu nada entendo da questão social.
Eu faço parte dela, simplesmente…
E sei apenas do meu próprio mal,
Que não é bem o mal de toda a gente,

Nem é deste Planeta… Por sinal
Que o mundo se lhe mostra indiferente!

E o meu anjo da Guarda, ele somente,
É quem lê os meus versos afinal…

E enquanto o mundo em torno se esbarronda,
Vivo regendo estranhas contradanças
No meu vago País de Trebizonda…

Entre os Loucos, os Mortos e as Crianças,
É lá que eu canto, numa eterna ronda,
Nossos comuns desejos e esperanças!…

V

Na minha rua há um menininho doente.
Enquanto os outros partem para a escola,
Junto à janela, sonhadoramente,
Ele ouve o sapateiro bater sola.

Ouve também o carpinteiro, em frente,
Que uma canção napolitana engrola.
E pouco a pouco, gradativamente,
O sofrimento que ele tem se evola…

Mas nesta rua há um operário triste:
Não canta nada na manhã sonora
E o menino nem sonha que ele existe.

Ele trabalha silenciosamente…
E está compondo este soneto agora,
Pra alminha boa do menino doente…

VI

Avozinha Garoa vai cantando
Suas lindas histórias, à lareira.
"Era uma vez… Um dia… Eis senão quando… "
Até parece que a cidade inteira

Sob a garoa adormeceu sonhando…
Nisto, um rumor de rodas em carreira…
Clarins, ao longe… (É o Rei que anda buscando
O pezinho da Gata Borralheira!)

Cerro os olhos, a tarde cai, macia…
Aberto em meio, o livro inda não lido
Inutilmente sobre os joelhos pousa…

E a chuva um'outra história principia,
Para embalar meu coração dorido
Que está pensando, sempre, em outra cousa…

VII

Para Dyonélio Machado

Recordo ainda… E nada mais me importa…
Aqueles dias de uma luz tão mansa
Que me deixavam, sempre, de lembrança,
Algum brinquedo novo à minha porta…

Mas veio um vento de Desesperança
Soprando cinzas pela noite morta!
E eu pendurei na galharia torta
Todos os meus brinquedos de criança…

Estrada afora após segui… Mas, ai,
Embora idade e senso eu aparente,
Não vos iluda o velho que aqui vai:

Eu quero os meus brinquedos novamente!
Sou um pobre menino… acreditai…
Que envelheceu, um dia, de repente!…

VIII

Para Emílio Kernp

É a mesma a ruazinha sossegada,
Com as velhas rondas e as canções de outrora…
E os meus lindos pregões da madrugada
Passam cantando ruazinha em fora!

Mas parece que a luz está cansada…
E, não sei como, tudo tem, agora,
Essa tonalidade amarelada
Dos cartazes que o tempo descolora…

Sim, desses cartazes ante os quais
Nós às vezes paramos, indecisos…
Mas para quê?… Se não adiantam mais!…

Pobres cartazes por aí afora
Que inda anunciam: - ALEGRIA - RISOS
Depois do Circo já ter ido embora!..

IX

Eu faço versos como os saltimbancos
Desconjuntam os ossos doloridos.
A entrada é livre para os conhecidos…
Sentai, Amadas, nos primeiros bancos!

Vão começar as convulsões e arrancos
Sobre os velhos tapetes estendidos…
Olhai o coração que entre gemidos
Giro na ponta dos meus dedos brancos!

"Meu Deus! Mas tu não mudas o programa!"
Protesta a clara voz das Bem-Amadas.
"Que tédio!" o coro dos Amigos clama.

"Mas que vos dar de novo e de imprevisto?"
Digo… e retorço as pobres mãos cansadas:
"Eu sei chorar… Eu sei sofrer… Só isto!"

X

Este silêncio é feito de agonias
E de luas enormes, irreais,
Dessas que espiam pelas gradarias
Nos longos dormitórios de hospitais.

De encontro à Lua, as hirtas galharias
estão paradas como nos vitrais
E o luar decalca nas paredes frias
Misteriosas janelas fantasmais…

O silêncio de quando, em alto mar,
Pálida, vaga aparição lunar,
Como um sonho vem vindo essa Fragata…

Estranha Nau que não demanda os portos!
Com mastros de marfim, velas de prata,
Toda apinhada de meninos mortos…

XI

Dentro da noite alguém cantou.
Abri minhas pupilas assustadas
De ave noturna… E as minhas mãos, velas paradas,
Não sei que frêmito as agitou!

Depois, de novo, o coração parou.
E quando a lua, enorme, nas estradas
Surge… dançam as minhas lâmpadas quebradas
Ao vento mau que as apagou…

Não foi nenhuma voz amada
Que, preludiando a canção notâmbula,
No meu silêncio me procurou…

Foi minha própria voz, fantástica e sonâmbula!

Foi, na noite alucinada,
A voz do morto que cantou.

XII

Para Érico Veríssimo

O dia abriu seu para-sol bordado
De nuvens e de verde ramaria.
E estava até um fumo, que subia,
Mi-nu-ci-o-sa-men-te desenhado.

Depois surgiu, no céu azul arqueado,
A Lua - a Lua! - em pleno meio-dia.
Na rua, um menininho que seguia
Parou, ficou a olhá-la admirado…

Pus meus sapatos na janela alta,
Sobre o rebordo… Céu é que lhes falta
Pra suportarem a existência rude!

E eles sonham, imóveis, deslumbrados,
Que são dois velhos barcos, encalhados
Sobre a margem tranquila de um açude…

XIII

Da vez primeira em que me assassinaram
Perdi um jeito de sorrir que eu tinha…
Depois, de cada vez que me mataram,
Foram levando qualquer coisa minha…

E hoje, dos meus cadáveres, eu sou
O mais desnudo, o que não tem mais nada…
Arde um toco de vela, amarelada…
Como o único bem que me ficou!

Vinde, corvos, chacais, ladrões da estrada!

Ah! Desta mão, avaramente adunca,
Ninguém há de arrancar-me a luz sagrada!

Aves da Noite! Asas do Honor! Voejai!
Que a luz, trêmula e triste como um ai,
A luz do morto não se apaga nunca!

XIV

Gadêa… Pelichek… Sebastião…
Lobo Alvim… Ah, meus velhos camaradas!
Aonde foram vocês? Onde é que estão
Aquelas nossas ideais noitadas?

Fiquei sozinho… Mas não creio, não,
Estejam nossas almas separadas!
Às vezes sinto aqui, nestas calçadas,
O passo amigo de vocês… E então

Não me constranjo de sentir-me alegre,
De amar a vida assim, por mais que ela nos minta…
E no meu romantismo vagabundo

Eu sei que nestes céus de Porto Alegre
é para nós que inda S. Pedro pinta
Os mais belos crepúsculos do mundo!…

XV

Sobre a coberta o lívido marfim

Dos meus dedos compridos, amarelos…

Fora, um realejo toca para mim

Valsas antigas, velhos ritornelos.

E esquecido que vou morrer enfim,

Eu me distraio a construir castelos…

Tão altos sempre… cada vez mais belos!…

Nem D. Quixote teve morte assim…

Mas que ouço? Quem será que está chorando?

Se soubésseis o quanto isto me enfada!

E eu fico a olhar o céu pela janela…

Minh'alma louca há de sair cantando

Naquela nuvem que lá está parada

E mais parece um lindo barco a vela!…

XVI

Para Reynaldo Moura

Que bom ficar assim, horas inteiras,
Fumando… e olhando as lentas espirais…
Enquanto, fora, cantam os beirais
A baladilha ingênua das goteiras

E vai a névoa, a bruxa silenciosa,
Transformando a Cidade, mais e mais,
Nessa Londres longínqua, misteriosa
Das poéticas novelas policiais…

Que bom, depois, sair por essas ruas,
Onde os lampiões, com sua luz febrenta,
São sóis enfermos a fingir de luas…

Sair assim (tudo esquecer talvez!)
E ir andando, pela névoa lenta,
Com a displicência de um fantasma inglês…

XVII

Quando eu morrer e no frescor de lua
Da casa nova me quedar a sós,
Deixai-me em paz na minha quieta rua…
Nada mais quero com nenhum de vós!

Quero é ficar com alguns poemas tortos
Que andei tentando endireitar em vão…
Que lindo a Eternidade, amigos mortos,
Para as torturas lentas da Expressão!…

Eu levarei comigo as madrugadas,
Pôr de sóis, algum luar, asas em bando,
Mais o rir das primeiras namoradas…

E um dia a morte há de fitar com espanto
Os fios de vida que eu urdi, cantando,
Na orla negra do seu negro manto…

Canções

CANÇÃO DA PRIMAVERA

Para Érico Veríssimo

Primavera cruza o rio
Cruza o sonho que tu sonhas.
Na cidade adormecida
Primavera vem chegando.

Catavento enlouqueceu,
Ficou girando, girando.
Em torno do catavento
Dancemos todos em bando.

Dancemos todos, dancemos,
Amadas, Mortos, Amigos,
Dancemos todos até
Não mais saber-se o motivo…

Até que as paineiras tenham
Por sobre os muros florido!

CANÇÃO DE UM DIA DE VENTO

Para Maurício Rosenblatt

O vento vinha ventando
Pelas cortinas de tule.

As mãos da menina morta
Estão varadas de luz.
No colo, juntos, refulgem
Coração, âncora e cruz.

Nunca a água foi tão pura…
Quem a teria abençoado?
Nunca o pão de cada dia
Teve um gosto mais sagrado.

E o vento vinha ventando
Pelas cortinas de tule…

Menos um lugar na mesa,
Mais um nome na oração,
Da que consigo levara
Cruz, âncora e coração

(E o vento vinha ventando…)
Daquela de cujas penas
Só os anjos saberão!

CANÇÃO DE OUTONO

Para Salim Daou

O outono toca realejo
No pátio da minha vida.
Velha canção, sempre a mesma.
Sob a vidraça descida…

Tristeza? Encanto? Desejo?
Como é possível sabê-lo?
Um gozo incerto e dorido
de carícia a contrapelo…

Partir, ó alma, que dizes?
Colher as horas, em suma…
Mas os caminhos do Outono
Vão dar em parte nenhuma!

CANÇÃO DO SUICIDA

De repente, não sei como
Me atirei no contracéu.
À tona d'água ficou
Ficou dançando o chapéu.

E entre cascos afundados,
Entre anêmonas azuis,
Minha boca foi beber
Na taça do Rei de Tule.

Só minh'alma aqui ficou
Debruçada na amurada,
Olhando os barcos… os barcos!…
Que vão fugindo do cais.

PEQUENA CRÔNICA POLICIAL

Jazia no chão, sem vida,
E estava toda pintada!
Nem a morte lhe emprestara
A sua grave beleza…
Com fria curiosidade,
Vinha gente a espiar-lhe a cara,
As fundas marcas da idade,
Das canseiras, da bebida…
Triste da mulher perdida
Que um marinheiro esfaqueara!
Vieram uns homens de branco,
Foi levada ao necrotério.
E quando abriam, na mesa,
O seu corpo sem mistério,
Que linda e alegre menina
Entrou correndo no Céu?!
Lá continuou como era
Antes que o mundo lhe desse
A sua maldita sina:
Sem nada saber da vida,
De vícios ou de perigos,
Sem nada saber de nada…
Com a sua trança comprida,
Os seus sonhos de menina,
Os seus sapatos antigos!

CANÇÃO DE BARCO E DE OUVIDO

Para Augusto Meyer

Não quero a negra desnuda.
Não quero o baú do morto.
Eu quero o mapa das nuvens
E um barco bem vagaroso.

Ai esquinas esquecidas…
Ai lampiões de fins de linha…
Quem me abana das antigas
Janelas de guilhotina?

Que eu vou passando e passando.
Como em busca de outros ares…
Sempre de barco passando,
Cantando os meus quintanares…

No mesmo instante olvidando
Tudo o de que te lembrares.

O Aprendiz de Feiticeiro

O POEMA

Um poema como um gole d’água bebido no escuro.
Como um pobre animal palpitando ferido.
Como pequenina moeda de prata perdida para sempre na floresta noturna.
Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa condição de poema.
Triste.
Solitário.
Único.
Ferido de mortal beleza.

O POEMA DO AMIGO

Estranhamente esverdeado e fosfóreo,
Que de vezes já o encontrei, em escusos bares submarinos,
O meu calado cúmplice!

Teríamos assassinado juntos a mesma datilógrafa?
Encerráramos um anjo do Senhor nalgum escuro calabouço?

Éramos necrófilos
Ou poetas?
E aquele segredo sentava-se ali entre nós todo o tempo,
Como um convidado de máscara.
E nós bebíamos lentamente a ver se recordávamos…
E através das vidraças olhávamos os peixes maravilhosos e terríveis cujas complicadas formas eram tão difíceis de compreender como os nomes com que os catalogara Marcus Gregorovius na sua monumental Fauna Abyssalis.

OBSESSÃO DO MAR OCEANO

Vou andando feliz pelas ruas sem nome…
Que vento bom sopra do Mar Oceano!
Meu amor eu nem sei como se chama,
Nem sei se é muito longe o Mar Oceano…
Mas há vasos cobertos de conchinhas
Sobre as mesas… e moças nas janelas
Com brincos e pulseiras de coral…
Búzios calçando portas… caravelas
Sonhando imóveis sobre velhos pianos…
Nisto,
Na vitrina do bric o teu sorriso, Antínous,
E eu me lembrei do pobre imperador Adriano,
De su'alma perdida e vaga na neblina…
Mas como sopra o vento sobre o Mar Oceano!
Se eu morresse amanhã, só deixaria, só,
Uma caixa de música
Uma bússola
Um mapa figurado
Uns poemas cheios da beleza única
De estarem inconclusos…
Mas como sopra o vento nestas ruas de outono!
E eu nem sei, eu nem sei como te chamas…
Mas nos encontramos sobre o Mar Oceano,
Quando eu também já não tiver mais nome.

AO LONGO DAS JANELAS MORTAS

Ao longo das janelas mortas
Meu passo bate as calçadas.
Que estranho bate!… Será
Que a minha perna é de pau?
Ah, que esta vida é automática!
Estou exausto da gravitação dos astros!
Vou dar um tiro neste poema horrível!
Vou apitar chamando os guardas, os anjos. Nosso Senhor, as prostitutas, os mortos!
Venham ver a minha degradação,
A minha sede insaciável de não sei o quê,
As minhas rugas.
Tombai, estrelas de conta,
Lua falsa de papelão,
Manto bordado do céu!
Tombai. Cobri com a santa inutilidade vossa
Esta carcaça miserável de sonho…

NO SILÊNCIO TERRÍVEL

No silêncio terrível do Cosmos
Há de ficar uma última lâmpada acesa.
Mas tão baça
Tão pobre
Que eu procurarei, às cegas, por entre os papéis revoltos,
Pelo fundo dos armários,
Pelo assoalho, onde estarão fugindo imundas ratazanas,
O pequeno crucifixo de prata
O pequenino, o milagroso crucifixo de prata que tu me deste um dia
Preso a uma fita preta.
E por ele os meus lábios convulsos chorarão
Viciosos do divino contato da prata fria…
Da prata clara, silenciosa, divinamente fria - morta!
E então a derradeira luz se apagará de todo…

Espelho Mágico

DA OBSERVAÇÃO

Não te irrites, por mais que te fizerem…
Estuda, a frio, o coração alheio.
Farás, assim, do mal que eles te querem,
Teu mais amável e sutil recreio…

DO ESTILO

Fere de leve a frase… E esquece… Nada
Convém que se repita…
Só em linguagem amorosa agrada
A mesma coisa cem mil vezes dita.

DAS BELAS FRASES

Frases felizes… Frases encantadas…
Ó festa dos ouvidos!
Sempre há tolices muito bem ornadas…
Como há pacóvios bem vestidos.

DO CUIDADO DA FORMA

Teu verso, barro vil,
No teu casto retiro, amolga, enrija, pule…
Vê depois como brilha, entre os mais, o imbecil,
Arredondado e liso como um bule!

DOS MUNDOS

Deus criou este mundo. O homem, todavia,
Entrou a desconfiar, cogitabundo…
Decerto não gostou lá muito do que via…
E foi logo inventando o outro mundo.

DAS CORCUNDAS

As costas de Polichinelo arrasas
Só porque fogem das comuns medidas?
Olha! Quem sabe não serão as asas
De um Anjo, sob as vestes escondidas…

DAS UTOPIAS

Se as coisas são inatingíveis… ora!
Não é motivo para não querê-las…
Que tristes os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!

DOS MILAGRES

O milagre não é dar vida ao corpo extinto,
Ou luz ao cego, ou eloquência ao mudo…
Nem mudar água pura em vinho tinto…
Milagre é acreditarem nisso tudo!

DAS ILUSÕES

Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o.
Com ele ia subindo a ladeira da vida.
E, no entretanto, após cada ilusão perdida…
Que extraordinária sensação de alívio!

DOS NOSSOS MALES

A nós nos bastem nossos próprios ais,
Que a ninguém sua cruz é pequenina.
Por pior que seja a situação da China,
Os nossos calos doem muito mais…

DA ETERNA PROCURA

Só o desejo inquieto, que não passa,
Faz o encanto da coisa desejada…
E terminamos desdenhando a caça
Pela doida aventura da caçada.

DO PRANTO

Não tentes consolar o desgraçado
Que chora amargamente a sorte má.
Se o tirares por fim do seu estado,
Que outra consolação lhe restará?

DO SABOR DAS COISAS

Por mais raro que seja, ou mais antigo,
Só um vinho é deveras excelente:
Aquele que tu bebes calmamente
Com o teu mais velho e silencioso amigo…

DOS SISTEMAS

Já trazes, ao nascer, tua filosofia.
As razões? Essas vêm posteriormente,
Tal como escolhes, na chapelaria,
A fôrma que mais te assente…

DO EXERCÍCIO DA FILOSOFIA

Como o burrico mourejando a nora,
A mente humana sempre as mesmas voltas dá…
Tolice alguma nos ocorrerá
Que não a tenha dito um sábio grego outrora…

DAS IDEIAS

Qualquer ideia que te agrade,
Por isso mesmo… é tua.
O autor nada mais fez, que vestir a verdade
Que dentro em ti se achava inteiramente nua…

DA AMIZADE ENTRE MULHERES

Dizem-se amigas… Beijam-se… Mas qual!
Haverá quem nisso creia?
Salvo se uma das duas, por sinal,
For muito velha, ou muito feia…

DA FELICIDADE

Quantas vezes a gente, em busca da ventura,
Procede tal e qual o avozinho infeliz:
Em vão, por toda parte, os óculos procura,
Tendo-os na ponta do nariz!

DA REALIDADE

O sumo bem só no ideal perdura…
Ah! Quanta vez a vida nos revela
Que "a saudade da amada criatura"
É bem melhor do que a presença dela…

DO AMOROSO ESQUECIMENTO

Eu, agora - que desfecho!
Já nem penso mais em ti…
Mas será que nunca deixo
De lembrar que te esqueci?

DA DISCRIÇÃO

Não te abras com teu amigo
Que ele um outro amigo tem.
E o amigo de teu amigo
Possui amigos também…

DA PREGUIÇA

Suave Preguiça, que do malquerer
E de tolices mil ao abrigo nos pões…
Por causa tua, quantas más ações
Deixei de cometer!

DO OVO DE COLOMBO

Nos acontecimentos, sim, é que há Destino:
Nos homens, não - espuma de um segundo…
Se Colombo morresse em pequenino,
O Neves descobria o Novo Mundo!

DO MAL DA VELHICE

Chega a velhice um dia… E a gente ainda pensa
Que vive… E adora ainda mais a vida!
Como o enfermo que em vez de dar combate à doença
Busca torná-la ainda mais comprida…

DA MODERAÇÃO

Cuidado! Muito cuidado…
Mesmo no bom caminho urge medida e jeito.
Pois ninguém se parece tanto a um celerado
Como um santo perfeito…

DA CALÚNIA

Sorri com tranquilidade
Quando alguém te calunia.
Quem sabe o que não seria
Se ele dissesse a verdade…

DA EXPERIÊNCIA

A experiência de nada serve à gente.
É um médico tardio, distraído:
Põe-se a forjar receitas quando o doente
Já está perdido…

DE COMO PERDOAR AOS INIMIGOS

Perdoas… és cristão… bem o compreendo…
E é mais cômodo, em suma.
Não desculpes, porém, coisa nenhuma,
Que eles bem sabem o que estão fazendo…

DA CONDIÇÃO HUMANA

Se variam na casca, idêntico é o miolo,
Julguem-se embora de diversa trama:
Ninguém mais se parece a um verdadeiro tolo
Que o mais sutil dos sábios quando ama.

DA PRÓPRIA OBRA

Exalta o Remendão seu trabalho de esteta…
Mestre Alfaiate gaba o seu corte ao freguês…
Por que motivo só não pode o Poeta
Elogiar o que fez?

Apontamentos de História Sobrenatural

*****

A beleza dos versos impressos em livro
- serena beleza com algo de eternidade -
Antes que venha conturbá-los a voz das declamadoras.
Ali repousam eles, misteriosos cântaros,
Nas suas frágeis prateleiras de vidro…
Ali repousam eles, imóveis e silenciosos.
Mas não mudos e iguais como esses mortos em suas tumbas.
Têm, cada um, um timbre diverso de silêncio…
Só tua alma distingue seus diferentes passos,
Quando o único rumor em teu quarto
É quando voltas, de alma suspensa - mais uma página
Do livro… Mas um verso fere o teu peito como a espada de um anjo.
E ficas, como se tivesses feito, sem querer, um milagre…
Oh! que revoada, que revoada de asas!

ELEGIA

Há coisas que a gente não sabe nunca o que fazer com elas…
Uma velhinha sozinha numa gare.
Um sapato preto perdido do seu par: símbolo
Da mais absoluta viuvez.
As recordações das solteironas.
Essas gravatas
De um mau gosto tocante
Que nos dão as velhas tias,
As velhas tias.
Um novo parente que se descobre.
A palavra "quincúncio".
Esses pensamentos que nos chegam de súbito
nas ocasiões mais impróprias.
Um cachorro anônimo que resolve ir seguindo a gente pela madrugada na cidade deserta.
Este poema, este pobre poema
Sem fim…

CANÇÃO DE INVERNO

O vento assovia de frio
nas ruas da minha cidade
enquanto a rosa-dos-ventos
eternamente despetala-se…

Invoco um tom quente e vivo
- lacre num envelope? -
e a névoa, então, de um outro século
no seu frio manto envolve-me

Sinto-me naquela antiga Londres
onde eu queria ter andado
nos tempos de Sherlock - o Lógico
e de Oscar - pobre Mágico…

Me lembro desse outro Mario
entre as ruínas de Cartago.
mas me indago - Aonde irão
morar os nossos fantasmas?

E o vento, que anda perdido
Nas ruas novas da Cidade,
ainda procura, em vão,
ler os antigos cartazes…

O ESPELHO

E como eu passasse por diante do espelho
não vi meu quarto com as suas estantes
nem este meu rosto
onde escorre o tempo.

Vi primeiro uns retratos na parede:
janelas onde olham avós hirsutos
e as vovozinhas de saia-balão
como paraquedistas às avessas que subissem do fundo do tempo.

O relógio marcava a hora
mas não dizia o dia. O Tempo,
desconcertado,
estava parado.

Sim, estava parado
em cima do telhado…
como um catavento que perdeu as asas!

O AUTORRETRATO

No retrato que me faço
- traço a traço -
as vezes me pinto nuvem.
às vezes me pinto árvore…

às vezes me pinto coisas
de que nem há mais lembrança…
ou coisas que não existem
mas que um dia existirão.

E desta lida, em que busco
- pouco a pouco -
minha eterna semelhança,

no final, que restará?
Um desenho de criança…
Corrigido por um louco!

MUNDOS

Um elevador lento e de ferragens Belle Époque
me leva ao antepenúltimo andar do Céu,
cheio de espelhos baços e de poltronas como o hall
de qualquer um antigo Grande Hotel,

mas deserto, deliciosamente deserto
de jornais falados e outros fantasmas da TV,
pois só se vê, ali, o que ali se vê
e só se escuta mesmo o que está bem perto:

é um mundo nosso, de tocar com os dedos,
não este - onde a gente nunca está, ao certo,
no lugar em que está o próprio corpo

mas noutra parte, sempre do lado de lá!
não, não este mundo - onde um perfil é paralelo ao outro
e onde nenhum olhar jamais encontrará…

PEQUENO POEMA DIDÁTICO

O tempo é indivisível. Dize,
Qual o sentido do calendário?
Tombam as folhas e fica a árvore,
Contra o vento incerto e vário.

A vida é indivisível. Mesmo
A que se julga mais dispersa
E pertence a um eterno diálogo
A mais inconsequente conversa.

Todos os poemas são um mesmo poema,
Todos os porres são o mesmo porre,
Não é de uma vez que se morre…
Todas as horas são horas extremas!

OLHO AS MINHAS MÃOS

Olho as minhas mãos: elas só não são estranhas
Porque são minhas. Mas é tão esquisito distendê-las
Assim, lentamente, como essas anêmonas do fundo do mar…
Fechá-las, de repente,
Os dedos como pétalas carnívoras!
Só apanho, porém, com elas, esse alimento impalpável do tempo,
Que me sustenta, e mata, e que vai secretando o pensamento
Como tecem as teias as aranhas.
A que mundo pertenço?
No mundo há pedras, baobás, panteras,
Águas cantarolantes, o vento ventando
E no alto as nuvens improvisando sem cessar.
Mas nada, disso tudo, diz: "existo".
Porque apenas existem…
Enquanto isto,
O tempo engendra a morte, e a morte gera os deuses
E, cheios de esperança e medo,
Oficiamos rituais, inventamos
Palavras mágicas
Fazemos
Poemas, pobres poemas
Que o vento
Mistura, confunde e dispersa no ar…
Nem na estrela do céu nem na estrela do mar
Foi este o fim da Criação! Mas, então,
Quem urde eternamente a trama de tão velhos sonhos?
Quem faz - em mim - esta interrogação?

POEMA

O grilo procura
no escuro
o mais puro diamante perdido.

O grilo
com as suas frágeis britadeiras de vidro
perfura
as implacáveis solidões noturnas.

E se o que tanto buscas só existe
em tua límpida loucura

- que importa? -
isso
exatamente isso
é o teu diamante mais puro!

POEMA OLHANDO UM MURO

Do
escuro do meu quarto
imóvel como um felino, espio
a lagartixa imóvel sobre o muro: mal sabe ela
da sua presença ornamental, daquele
verde
intenso
na lividez mortal
da pedra. Ah, nem sei eu também o que procuro, há tanto…
nesta minha eterna espreita!

Pertenço acaso à raça dos mutantes?
Ou
sou, talvez
- em meio às espantosas aparências de algum mundo estranho
um espião que houvesse esquecido o seu código, a sua sigla, tudo…
menos
a gravidade da sua missão!

O MORITURO

Por que é que assim, com suas caras móveis e simiescas.
os vivos nos devassam, num cínico impudor?
Por que nos olham assim - como se fôramos cousas -
quando os nossos traços vão repousando, enfim,
na tranquila dignidade da morte?
Por que é que eles, com a sua obscena curiosidade,
não respeitam o ato mais íntimo de nossa vida
- ato que deveria ser testemunhado apenas pelos Anjos?
Ali, que Deus me guarde na hora de minha morte, amém,
que Deus me guarde da humilhação desse espetáculo
e me livre de todos, de todos eles: na minha cara.
Quero morrer na selva de algum país distante…
Quero morrer sozinho como um bicho!

O VELHO DO ESPELHO

Por acaso, surpreendo-me no espelho: quem é esse
Que me olha e é tão mais velho do que eu?
Porém, seu rosto… é cada vez menos estranho…

Meu Deus, meu Deus… Parece
Meu velho pai - que já morreu!

Como pude ficarmos assim?
Nosso olhar - duro - interroga:
"o que fizeste de mim?!"
Eu, Pai ?! Tu é que me invadiste,
Lentamente, ruga a ruga… Que importa? Eu sou, ainda.
Aquele mesmo menino teimoso de sempre

E os teus planos enfim lá se foram por terra
Mas sei que vi, um dia - a longa, a inútil guerra! -
Vi sorrir, nesses cansados olhos, um orgulho triste…

CAVALO DE FOGO

Mas a minha mais remota recordação
só muito tempo depois eu vim a saber que era um cometa
e precisamente o cometa de Halley
- maravilhoso Cavalo Celestial! -
com a sua longa cauda vermelha atravessando, ondulante, de lado a lado,
bem sobre o meio do mundo.
a noite misteriosa do pátio…
Jamais esquecerei a sua aparição
porque
naquele tempo de espantos e encantos
o cometa de Halley não se contentava em parecer um cavalo, apenas:
o cometa de Halley era um cavalo!

PRESENÇA

Para Lara de Lemos

É preciso que a saudade desenhe tuas linhas perfeitas,
teu perfil exato e que, apenas, levemente, o vento
das horas ponha um frêmito em teus cabelos…
É preciso que a tua ausência trescale
sutilmente, no ar, a trevo machucado,
a folhas de alecrim desde há muito guardadas
não se sabe por quem nalgum móvel antigo…

Mas é preciso, também, que seja como abrir uma janela
e respirar-te, azul e luminosa, no ar.
É preciso a saudade para eu te sentir
como sinto - em mim - a presença misteriosa da vida…
Mas quando surges és tão outra e múltipla e imprevista
que nunca te pareces com o teu retrato…
E eu tenho de fechar meus olhos para ver-te!

A MORTE É QUE ESTÁ MORTA

Para José Régio

A morte é que está morta.
Ela é aquela Princesa Adormecida
no seu claro jazigo de cristal.
Aquela a quem, um dia - enfim - despertarás…

E o que esperavas ser teu suspiro final
é o teu primeiro beijo nupcial

- Mas como é que eu te receava tanto
(no teu encantamento lhe dirás)
e como podes ser assim - tão bela?!
Nas tantas buscas, em que me perdi,
vejo que cada amor tinha um pouco de ti…

E ela, sorrindo, compassiva e calma:

- E tu, por que é que me chamavas Morte?
Eu sou, apenas, tua Alma…

EU QUERIA TRAZER-TE UNS VERSOS MUITO LINDOS

Eu queria trazer-te uns versos muito lindos
colhidos no mais íntimo de mim…
Suas palavras
seriam as mais simples do mundo,
porem não sei que luz as iluminaria
que terias de fechar teus olhos para as ouvir…
Sim! Uma luz que viria de dentro delas,
como essa que acende inesperadas cores
nas lanternas chinesas de papel.
Trago-te palavras, apenas… e que estão escritas
do lado de fora do papel… Não sei, eu nunca soube
o que dizer-te
e este poema vai morrendo, ardente e puro, ao vento
da Poesia…
como
uma pobre lanterna que incendiou!

A CARTA

Hoje encontrei dentro de um livro uma velha carta amarelecida,
Rasguei-a sem procurar ao menos saber de quem seria…
Eu tenho um medo
Horrível
A essas marés montantes do passado,
Com suas quilhas afundadas, com
Meus sucessivos cadáveres amarrados aos mastros e gáveas…
Ai de mim,
Ai de ti, ó velho mar profundo,
Eu venho sempre à tona de todos os naufrágios.

NOTURNO III

Os cuidados se foram, ou tomaram
Estranhas máscaras de sonho…

Teus cabelos de náufrago
Estão bordados no brancor da fronha.

E onde foste arranjar essas mãos de cera
Que parecem levemente luminosas no escuro?

Toda a casa encalhou nalgum porto noturno:
Ninguém no cais deserto…

Apagaram-se os grilos,
As estrelas estão imóveis e tristes como num mapa sideral.

Nunca estiveram também tão fixos os olhos dos retratos,
Como se fossem apenas fotografias.

O único rumor de vida,
Esse vem de muito, muito longe: o pobre arroio antigo
Gota a gota a fluir no soluço da pia!

IF…

E até hoje não me esqueci
Do Anjo da Anunciação no quadro de Botticelli:
Como pode alguém
Apresentar-se ao mesmo tempo tão humilde e cheio de tamanha dignidade?
Oh! tão soberanamente inclinado…
Se pudessem ser como ele!

Os Anjos dão tudo de si
Sem jamais se despirem de nada.

ENTRESSONO

A manhã se debruça ao peitoril.
Não sei por que está gritando: abril! abril!
Há, por vezes, manhãs que são sempre de abril…

A manhã, com todas as suas árvores ao vento,
Traz-me as primeiras notícias da frota do Descobrimento,
Sem reparar na presença dos arranha-céus
Mas eu nem abro os olhos: vou dormir…
Creio que ainda chegarei a tempo
Para a Primeira Missa no Brasil.

CADEIRA DE BALANÇO

Quando elas se acordam
do sono, se espantam
das gotas de orvalho
na orla das saias,
dos fios de relva
nos negros sapatos.
quando elas se acordam
na sala de sempre,
na velha cadeira
em que a morte as embala…

E olhando o relógio
de junto à janela
onde a única hora,
que era a da sesta,
parou como gota que ia cair,
perpassa no rosto
de cada avozinha

um susto do mundo
que está deste lado…

Que sonho sonhei
que sinto inda um gosto
de beijo apressado?
- diz uma e se espanta:
Que idade terei?
Diz outra: - Eu corria
menina em um parque…
e como saberia
o tempo que era?

Os pensamentos delas
já não têm sentido…

A morte as embala,

as avozinhas dormem
na deserta sala
onde o relógio marca
a nenhuma hora

enquanto suas almas
vêm sonhar no tempo
o sonho vão do mundo…
e depois se acordam
na sala de sempre

na velha cadeira
em que a morte as embala…

O MORTO

Eu estava dormindo e me acordaram
E me encontrei, assim, num mundo estranho e louco…
E quando eu começava a compreendê-lo
Um pouco,
Já eram horas de dormir de novo!

O MAPA

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo…
(É nem que fosse o meu corpo!)
Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei…
Há tanta esquina esquisita.
Tanta nuança de paredes.
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
Que nem em sonhos sonhei…)
Quando eu for, um dia desses.
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso
Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso,
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)
E talvez de meu repouso…

SESTA ANTIGA

A ruazinha lagarteando ao sol.
O coreto de música deserto
Aumenta ainda mais o silêncio.
Nem um cachorro.
Este poeminho,
Brotado áspero e quebradiço
é a única coisa do mundo.

CARTA DESESPERADA

Como é difícil, como é difícil, Beatriz, escrever uma carta…
Antes escrever os Lusíadas!
Com uma carta pode acontecer
Que qualquer mentira venha a ser verdade…
Olha! O melhor é te descrever, simplesmente,
A paisagem,
Descrever sem nenhuma imagem, nenhuma…
Cada coisa é ela própria a sua maravilhosa imagem!
Agora mesmo parou de chover.
Não passa ninguém. Apenas
Um gato
Atravessa a rua
Como nos tempos quase imemoriais
Do cinema silencioso…
Sabes, Beatriz? Eu vou morrer!

TIA ÉLIDA

Sua alma dilacerada pelas renas da madrugada
Enevoa a minha vidraça.
"Deixaste mais uma vez a lâmpada acesa!" - diz ela.
Essa tia Élida…
Tão viva, a coitada,
Que eu ainda me irrito com ela!

ESTE QUARTO…

Para Guilhermina César

Este quarto de enfermo, tão deserto
de tudo, pois nem livros eu já leio
e a própria vida eu a deixei no meio
como um romance que ficasse aberto…
que me importa este quarto, em que desperto
como se despertasse em quarto alheio?
Eu olho é o céu! Imensamente perto,
o céu que me descansa como um seio.
Pois só o céu é que está perto, sim.
tão perto e tão amigo que parece
um grande olhar azul pousado em mim.

A morte deveria ser assim:
um céu que pouco a pouco anoitecesse
e a gente nem soubesse que era o fim…

OS PARCEIROS

Sonhar é acordar-se para dentro:
de súbito me vejo em pleno sonho
e no jogo em que todo me concentro
mais uma carta sobre a mesa ponho.

Mais outra! É O jogo atroz do Tudo ou Nada!
E quase que escurece a chama triste
E, a cada parada uma pancada.
o coração, exausto, ainda insiste.

Insiste em quê? Ganhar o quê? De quem?
O meu parceiro… eu vejo que ele tem
um riso silencioso a desenhar-se

numa velha caveira carcomida.
Mas eu bem sei que a morte é seu disfarce…
Como também disfarce é a minha vida!

PARA TELMO VERGARA

Era uma rua tão antiga, tão distante
que ainda tinha crepúsculos, a desgraçada…
Acheguei-me a ela com este velho coração palpitante
de quem tornasse a ver uma primeira namorada

em todo o seu feitiço do primeiro instante.
E a noite, sobre a rua, era toda estrelada…
havia, aqui e ali, cadeiras na calçada…
E o quanto me lembrei, então, de um amigo constante,

dos que, na pressa de hoje, nem se usam mais
como essas velhas ruas que parecem irreais
e a gente, ao vê-las, diz: "Meu Deus, mas isto é um sonho!"

Sonhos nossos? Não tanto, ao que suponho…
São os mortos, os nossos pobres mortos que, saudosamente,
estão sonhando o mundo para a gente!

O POETA E A ODE

Sua firme elegância.
Sua força contida.
O poeta da ode
É um cavalo de circo.

Em severa medida
Bate o ritmo dos cascos.
De momento a momento,
Impacto implacável,
Tomba o acento na sílaba.

Dura a crina de bronze.
Rijo o pescoço alto.
Quem lhe sabe da tensa
Fúria, do sagrado
Ímpeto de voo?

Nobre animal, o poeta.

Baú de Espantos

QUINTA COLUNA

Te lembras dos tempos em que se falava na Quinta Coluna?
Felizes tempos aqueles - porque eram tempos de guerra
E a gente pensava que tudo ia melhorar depois…
- Mas quando?!
Apenas restou, entre nós, a Quinta Coluna dos Poetas.
Sim! Nós é que somos os verdadeiros visitantes do Futuro
- não esses que os ingênuos autores de FC andaram espalhando por aí…
E temos agora tantas, tantas coisas que denunciar neste mundo louco…
- Mas a quem?!

POEMA TRANSITÓRIO

Eu que nasci na Era da Fumaça: - trenzinho
vagaroso com vagarosas paradas
em cada estaçãozinha pobre
para comprar pastéis
pés-de-moleque
sonhos
principalmente sonhos!
porque as moças da cidade vinham olhar o trem passar:
elas suspirando maravilhosas viagens
e a gente com um desejo súbito de ali ficar morando
sempre… Nisto,
o apito da locomotiva
e o trem se afastando
e o trem arquejando
é preciso partir é preciso chegar
é preciso partir é preciso chegar… Ah, como esta vida é urgente!
no entanto
eu gostava era mesmo de partir…
e - até hoje - quando acaso embarco
para alguma parte
acomodo-me no meu lugar
fecho os olhos e sonho:
viajar, viajar
mas para parte nenhuma…
viajar indefinidamente…
como uma nave espacial perdida entre as estrelas.

O HOMEM DO BOTÃO

Quando esta velha nave espacial do mundo for um dia a pique
Não haverá iceberg nenhum que o explique… Apenas
Um de nós, em desespero
- como quem se livra de terrível dor de cabeça com uma bala rápida no ouvido -
Vai apertar primeiro o botão:
Clic!
Tão simples… E os mais espertos venderão.
A preços populares, arquibancadas na Lua
Ou caríssimos camarotes de luxo
Para que possam todos assistir à nossa ULTIMA FUNÇÃO.
O perigo
É que a arquibancada desabe
Ou que a própria Lua venha a cair no caldeirão fervente.
Enquanto isso, Deus, que afinal é clemente,
Põe-se a cogitar na criação, em outro mundo,
De uma nova humanidade
- sem livre-arbítrio -
Principalmente sem livre-arbítrio…
Mas com esse puro instinto animal
Que o homem do botão atribuía apenas às espécies inferiores.

ERA UM LUGAR

Era um lugar em que Deus ainda acreditava na gente…
Verdade
que se ia à missa quase só para namorar
mas tão inocentemente
que não passava de um jeito, um tanto diferente,
de rezar
enquanto, do púlpito, o padre clamava possesso
contra pecados enormes.
Meu Deus, até o Diabo envergonhava-se.
Afinal de contas, não se estava em nenhuma Babilônia…
Era, tão-só, uma cidade pequena,
com seus pequenos vícios e suas pequenas virtudes:
um verdadeiro descanso para a milícia dos Anjos
com suas espadas de fogo
- um amor!
Agora,
aquela antiga cidadezinha está dormindo para sempre
em sua redoma azul, em um dos museus do Céu.

O DESCOBRIDOR

Ah, essa gente que me encomenda
um poema
com tema…

Como eu vou saber, pobre arqueólogo do futuro,
o que inquietamente procuro
em minhas escavações do ar?

Nesse futuro,
tão perfeito,
vão dar,
desde o mais inocente nascimento,
suntuosas princesas mortas há milênios.
palavras desconhecidas mas com todas as letras misteriosamente acesas,
palavras quotidianas
enfim libertas de qualquer objeto.
E os objetos…
Os atônitos objetos que não sabem mais o que são
no terror delicioso
da Transfiguração!

MARIA

Que linda estavas no dia
Da Primeira comunhão,
Toda de branco, Maria,
Com rosas brancas na mão.

Nossa Senhora esquecida
Ao ver-te, a sua aflição,
E eu, contrito - que heresia! -
Te rezava uma oração.

Pois quando te vi de joelhos,
Pousar os lábios vermelhos
Nos pés do Cristo, supus

Que eras Santa Teresinha,
A mais linda e mais novinha
Das esposas de Jesus!

TORRE AZUL

(1923)

É preciso construir uma torre
- uma torre azul para os suicidas.
Têm qualquer coisa de anjo esses suicidas voadores,
qualquer coisa de anjo que perdeu as asas.
É preciso construir-lhes um túnel
- um túnel sem fim e sem saída
e onde um trem viajasse eternamente
como uma nave em alto mar perdida.
É preciso construir uma torre…
É preciso construir um túnel…

É preciso morrer de puro,
puro amor!…

OS ARROIOS

Os arroios são rios guris…
Vão pulando e cantando dentre as pedras.
Fazem borbulhas d'água no caminho: bonito!
Dão vau aos burricos,
às belas morenas,
curiosos das pernas das belas morenas.
E às vezes vão tão devagar
que conhecem o cheiro e a cor das flores
que se debruçam sobre eles nos matos que atravessam
e onde parece quererem sestear.
As vezes uma asa branca roça-os, súbita emoção
como a nossa se recebêssemos o miraculoso encontrão
de um Anjo…
Mas nem nós nem os rios sabemos nada disso.
Os rios tresandam óleo e alcatrão
e refletem, em vez de estrelas,
os letreiros das firmas que transportam utilidades.
Que pena me dão os arroios,
os inocentes arroios…

DEIXA-ME SEGUIR PARA O MAR

Tenta esquecer-me… Ser lembrado é como
evocar-se um fantasma… Deixa-me ser
o que sou, o que sempre fui, um rio que vai fluindo…

Em vão, em minhas margens cantarão as horas,
me recamarei de estrelas como um manto real,
me bordarei de nuvens e de asas,
as vezes virão em mim as crianças banhar-se…

Um espelho não guarda as coisas refletidas!
E o meu destino é seguir… é seguir para o Mar,
as imagens perdendo no caminho…
Deixa-me fluir, passar, cantar…

toda a tristeza dos rios
é não poderem parar!

NOTURNO DA VIAÇÃO FÉRREA

Ora, os fantasmas são viajantes noturnos.
Se aboletam nos carros vazios e ficam
(por que será que os fantasmas não fumam?)
a olhar o mundo que desliza…
Mas sucede que as máquinas estavam manobrando apenas.
E depois veio a luz crescente, a luz cruel,
situando e ambientando as coisas.
É quando surgem, cabalísticos, os primeiros letreiros:
Hotel Savoia, Ao Pente de Ouro, Saúde da Mulher,
os fantasmas, puídos de claridade,
soltam um suspiro e se desvanecem.

QUERIAS QUE EU FALASSE DE "POESIA"

Querias que eu falasse de "poesia" um pouco
mais… e desprezasse o quotidiano atroz…
querias… era ouvir o som da minha voz
e não um eco - apenas - deste mundo louco!

Mas que te dar, pobre criança, em troco
de tudo que esperavas, ai de nós:
é que eu sou oco… oco… oco…
como o Homem de Lata do "Mágico de Oz"!

Tu o lembras, bem sei… ah! o seu horror
imenso às lágrimas… Porque decerto se enferrujaria…
E tu… Como um lírio do pântano tu me querias,
como uma chuva de ouro a te cobrir devagarinho,
um pássaro de luz… Mas, haverá maior poesia
do que este meu desesperar-me eterno da poesia?!

PARECE UM SONHO…

"Parece um sonho que ela tenha morrido!"
diziam todos… Sua viva imagem
tinha carne!… E ouvia-se, na aragem,
passar o frêmito do seu vestido…

E era como se ela houvesse partido
e logo fosse regressar da viagem…
- até que em nosso coração dorido
a Dor cravava o seu punhal selvagem!

Mas tua imagem, nosso amor, é agora
menos dos olhos, mais do coração.
Nossa saudade te sorri: não chora…

Mais perto estás de Deus, como um anjo querido.
E ao relembrar-te a gente diz, então:
"Parece um sonho que ela tenha vivido!"

1953

INVITATION AU VOYAGE

Se cada um de vós, ó vós outros da televisão
- vós que viajais inertes
como defuntos num caixão -
se cada um de vós abrisse um livro de poemas…
faria uma verdadeira viagem…
Num livro de poemas se descobre de tudo, de tudo mesmo!
- Inclusive o amor e outras novidades.

O ÚLTIMO CRIME DA MALA

Na mala que nem o Anjo da Guarda,
nem o Delegado do Distrito,
nem eu mesmo consigo encontrar,
está a minha imagem única, fechada a chave
- e a chave caída no fundo do mar!
Não adianta chamar escafandros,
nem homens-rãs,
nem a sereia mais querida,
nem os atenciosos hipocampos, de que adianta?!
Não existem vestígios de mim…

OS CEGUINHOS

Um dia, um ceguinho de nascença…
- pois bem, para ser mais explícito e para conservar por mais algum tempo a sua passageira imagem neste mundo -
um dia
numa daquelas nossas conversas de bar,
o sanfonista Artur Elsner me confessou:
"Bem sei que, para vocês, eu, teoricamente, estou nas trevas."
Teoricamente?! - pensei, num comovido espanto.
Talvez no mesmo silencioso espanto com que os anjos escutam
as palavras que digo
dentro da minha treva iluminada.

A MISSA DOS INOCENTES

Se não fora abusar da paciência divina
Eu mandaria rezar missa pelos meus poemas que não conseguiram ir além
da terceira ou quarta linha.
Vítimas dessa mortalidade infantil que, por ignorância dos pais,
Dizima as mais inocentes criaturinhas, as pobres…
Que tinham tanto azul nos olhos,
Tanto que dar ao mundo!

Eu mandaria rezar o réquiem mais profundo
Não só pelos meus
Mas por todos os poemas inválidos que se arrastam pelo mundo
E cuja comovedora beleza ultrapassa a dos outros
Porque está, antes e depois de tudo,
No seu inatingível anseio de beleza!

OS DEGRAUS

Não desças os degraus do sonho
Para não despertar os monstros.
Não subas aos Sótãos - onde
Os deuses, por trás das suas máscaras,
Ocultam o próprio enigma.
Não desças, não subas, fica.
O mistério está é na tua vida!
E é um sonho louco este nosso mundo…

ALMA ERRADA

Há coisas que a minha alma, já tão mortificada, não admite:
assistir novelas de TV
ouvir música Pop
um filme apenas de corridas de automóvel
uma corrida de automóvel num filme
um livro de paginas ligadas
porque, sendo bom, a gente abre sofregamente a dedo:
espátulas não há… e quem é que hoje faz questão de virgindades…
E quando minha alma estraçalhada a todo instante pelos telefones
fugir desesperada
me deixará aqui,
ouvindo o que todos ouvem, bebendo o que todos bebem,
comendo o que todos comem.
A estes, a falta de alma não incomoda. (Desconfio até
que minha pobre alma fora destinada ao habitante de outro mundo).
E ligarei o rádio a todo o volume,
gritarei como um possesso nas partidas de futebol,
seguirei, irresistivelmente, o desfilar das grandes paradas do Exército.
E apenas sentirei, uma vez que outra,
a vaga nostalgia de não sei que mundo perdido…
Num país de nostálgicos nevoeiros,
de paisagens em lenta mutação,
largarei de repente o meu bordão…
E hão de pasmar os outros caminheiros!
E andando como a lua nos outeiros
ao encontro da lenta procissão,
pousarias a mão na minha mão…
enamorados sempre… e sempre companheiros!
E diante de tão doces aparências
quem diria que em duas existências
nos separara o mundo anos inteiros?
E, sentados à sombra de uns olmeiros,
trocaríamos falsas confidências…
cheias de sentimentos verdadeiros!

O OLHAR

O último olhar do condenado não é nublado sentimentalmente por lágrimas
nem iludido por visões quiméricas.
O último olhar do condenado é nítido como uma fotografia:
vê até a pequenina formiga que sobe acaso pelo rude braço do verdugo.
vê o frêmito da última folha no alto daquela árvore, além…
Ao olhar do condenado nada escapa, como ao olhar de Deus
- um porque é eterno,
o outro porque vai morrer.
O olhar do poeta é como o olhar de um condenado…
como o olhar de Deus…

DATA E DEDICATÓRIA

Teus poemas, não os dates nunca… Um poema
Não pertence ao Tempo… Em seu país estranho,
Se existe hora, é sempre a hora extrema
Quando o Anjo Azrael nos estende ao sedento
Lábio o cálice inextinguível…
Um poema é de sempre, Poeta:
O que tu fazes hoje é o mesmo poema
Que fizeste em menino,
E o mesmo que,
Depois que tu te fores,
Alguém lerá baixinho e comovidamente,
A vivê-lo de novo…
A esse alguém,
Que talvez nem tenha ainda nascido,
Dedica, pois, teus poemas.
Não os dates, porém:
As almas não entendem disso…

O FATAL CONVÍVIO

Que esquisita conversa não hão de ter, nesses Dicionários Biográficos,
Os que se encontram espantosamente juntos por uma injunção da ordem alfabética!
Como se entenderão, meu Deus, mas como se entenderão,
Para apenas citar-vos um inquietante exemplo,
Nabucodonosor e Napoleão!
O Pequeno Corso
Antes de tudo
Terá dificuldades com o nome sesquipedal do outro,
O qual, como se não bastasse,
Além de rei, ainda fora lobisomem…
Mas este, desconhecedor enciclopédico da História vindoura,
Diria
Para maior escândalo do Conquistador:
"Ora, não gaguejes, bom homem…
Chama-me Bubu, simplesmente.
Pois era assim que me chamava o povo… ah, o povo!… "
Porém,
Eu estou lembrando agora é dos amantes separados para sempre
Na prisão perpétua do seu próprio tomo…
De Paolo e Francesca
(Mais felizes no Inferno…)
E da pobre,
Ai, da pobre Marília ouvindo as máximas
Do inefável Marquês de Maricá!

AS MENINAZINHAS

Queridas unhinhas róseas… bocas
de úmida, fresca avidez,
de onde todas as notas, loucas,
querem fugir de uma só vez…
Olhinhos de água tão pura
que nada há que os espante…
Sensível narina aflante…
Inquieta mão que procura…
Indeciso quadril, mas já
com aquele femíneo encanto…
Sobrancelhinhas: um veludo…
Orelhas, dedinhos… Ah,
nem queiras saber tudo quanto
elas prometem à vida…

SONETO PÓSTUMO

- Boa tarde… - Boa tarde! - E a doce amiga
E eu, de novo, lado a lado vamos!
Mas há um não sei quê, que nos intriga:
Parece que um ao outro procuramos…

E, por piedade ou gratidão, tentamos
Representar de novo a história antiga.
Mas vem-me a ideia… nem sei como a diga…
Que fomos outros que nos encontramos!

Não há remédio: é separar-nos, pois.
E as nossas mãos amigas se estenderam:
- Até breve! - Até breve! - E, com espanto

Ficamos a pensar nos outros dois.
Aqueles dois que há tanto já morreram…
E que, um dia, se quiseram tanto!

1952

UMA ALEGRIA PARA SEMPRE

Para Elena Quintana

As coisas que não conseguem ser
olvidadas continuam acontecendo.
Sentimo-las como da primeira vez,
sentimo-las fora do tempo,
nesse mundo do sempre onde as
datas não datam. Só no mundo do nunca
existem lápides… Que importa se -
depois de tudo - tenha "ela" partido,
casado, mudado, sumido, esquecido,
enganado, ou que quer que te haja
feito, em suma? Tiveste uma parte da
sua vida que foi só tua e, esta, ela
jamais a poderá passar de ti para ninguém.
Há bens inalienáveis, há certos momentos que,
ao contrário do que pensas,
fazem parte de tua vida presente
e não do teu passado. E abrem-se no teu
sorriso mesmo quando, deslembrado deles,
estiveres sorrindo a outras coisas.
Ah, nem queiras saber o quanto
deves à ingrata criatura…
A thing of beauty is a joy for ever

- disse, há cento e muitos anos, um poeta
inglês que não conseguiu morrer.

ASTROLOGIA

Minha estrela não é a de Belém:
A que, parada, aguarda o peregrino.
Sem importar-se com qualquer destino
A minha estrela vai seguindo além…

- Meu Deus, o que é que esse menino tem? -
Já suspeitavam desde eu pequenino.
O que eu tenho? É uma estrela em desatino…
E nos desentendemos muito bem!

E quando tudo parecia a esmo
E nesses descaminhos me perdia
Encontrei muitas vezes a mim mesmo…

Eu temo é uma traição do instinto
Que me liberte, por acaso, um dia
Deste velho e encantado Labirinto

UM CÉU COMUM

No Céu vou ser recebido
com uma banda de música.
Tocarão um dobradinho
daqueles que nós sabemos
- pois nada mais celestial
do que a música que um dia ouvimos
no coreto municipal
de nossa cidadezinha…
Não haverá cítaras nem liras
- quem pensam vocês que eu sou?
E os anjinhos estarão vestidos
no uniforme da banda,
com os sovacos bem suados
e os sapatos apertando.
Depois, irei tratar da vida
como eles tratam da sua…

Esconderijos do Tempo

OS POEMAS

Os poemas são pássaros que chegam
não se sabe de onde e pousam
no livro que lês.
Quando fechas o livro, eles alçam voo
como de um alçapão.
Eles não têm pouso
nem porto
alimentam-se um instante em cada par de mãos
e partem.
E olhas, então, essas tuas mãos vazias,
no maravilhado espanto de saberes
que o alimento deles já estava em ti…

SE O POETA FALAR NUM GATO

Se o poeta falar num gato, numa flor,
num vento que anda por descampados e desvios
e nunca chegou à cidade…
se falar numa esquina mal e mal iluminada…
numa antiga sacada… num jogo de dominó…
se falar naqueles obedientes soldadinhos de chumbo que morriam de verdade…
se falar na mão decepada no meio de uma escada
de caracol…
Se não falar em nada
e disser simplesmente tralalá… Que importa?
Todos os poemas são de amor!

INTERMEZZO

Nem tudo pode estar sumido
ou consumido…
Deve - forçosamente - a qualquer instante,
formar-se, pobre amigo, uma bolha de tempo nessa Eternidade…
e onde
- o mesmo *barman* no mesmo balcão,

por trás a esplêndida biblioteca de garrafas,
fonte da nossa colorida erudição -
haveremos de continuar aquela nossa velha discussão
sobre tudo e nada
até
que, fartos de tudo e nada,
desta e da outra vida,
a rir como uns perdidos,
a chorar como uns danados,
beberemos os dois nos crânios um do outro…
até o teto desabar!
(Perdão! até a bolha rebentar…)

VIDA

Não sei
o que querem de mim essas árvores
essas velhas esquinas
para ficarem tão minhas só de as olhar um momento.

Ah! Se exigirem documentos aí do Outro Lado,
extintas as outras memórias,
só poderei mostrar-lhes as folhas soltas de um álbum de imagens:
aqui uma pedra lisa, ali um cavalo parado
ou
uma
nuvem perdida,
perdida…

Meu Deus, que modo estranho de contar uma vida!

PREPARATIVOS PARA A VIAGEM

Uns vão de guarda-chuva e galochas.
outros arrastam um baú de guardados…
Inúteis precauções!
Mas,
se levares apenas as visões deste lado,
nada te será confiscado:
todo o mundo respeita os sonhos de um ceguinho
- a sua única felicidade!
E os próprios Anjos, esses que fitam eternamente a face do Senhor…
os próprios Anjos te invejarão.

A CASA GRANDE

mas eu queria ter nascido numa dessas casas de meia-água
com o telhado descendo logo após as fachadas
só de porta e janela
e que tinham, no século, o carinhoso apelido
de cachorros sentados.
Porém nasci em um solar de leões.
(… escadarias, corredores, sótãos, porões, tudo isso…)
Não pude ser um menino da rua…
Aliás, a casa me assustava mais do que o mundo, lá fora.
A casa era maior do que o mundo!
E até hoje
- mesmo depois que destruíram a casa grande -
até hoje eu vivo explorando os seus esconderijos…

O BAÚ

Como estranhas lembranças de outras vidas,
que outros viveram, num estranho mundo,
quantas coisas perdidas e esquecidas
no teu baú de espantos… Bem no fundo,

uma boneca toda estraçalhada!
(isto não são brinquedos de menino…
alguma coisa deve estar errada)
Mas o teu coração em desatino

te traz de súbito uma ideia louca:
é ela, sim! Só pode ser aquela,
a jamais esquecida Bem-amada.

E em vão tentas lembrar o nome dela…
e em vão ela te fita.., e a sua boca
tenta sorrir-te, mas está quebrada!

RAY BRADBURY

Eu queria escrever uns versos para Ray Bradbury,
o primeiro que, depois da infância, conseguiu encantar-me com suas histórias mágicas
como no tempo em que acreditávamos no Menino Jesus
que vinha deixar presentes de Natal em nossos sapatos empoeirados de meninos
e nada tinha a ver com a impenetrável Santíssima Trindade.
Era no tempo das verdadeiras princesas,
nossas belíssimas primeiras namoradas
- não essas que saem periodicamente nos jornais.
Era no tempo dos reis verdadeiramente heráldicos como os das cartas de jogar
e do bravo São Jorge, com seu cavalo branco, sua lança e seu dragão.
Era no tempo em que o cavaleiro Dom Quixote
realmente lutava com gigantes,
os quais se disfarçavam em moinhos de vento.
Todo esse encantamento de uma idade perdida
Ray Bradbury o transportou para a Idade Estelar
e os nossos antigos balõezinhos de cor
agora são mundos girando no ar.
Depois de tantos anos de cínico materialismo
Ray Brandbury é nossa segunda vovozinha velha
que nos vai desfiando suas histórias à beira do abismo
- e nos enche de susto, esperança e amor.

ALQUIMIAS

Naquela mistura
fumegante e colorida
que a pá
não para de agitar
vê-se
o infinito olhar de um moribundo
o primeiro olhar de um primeiro amor
um trem a passar numa gare deserta
uma estrela remota um pince-nez perdido
o sexo do outro sexo
a mágica de um santo carregando sua própria cabeça
e de tudo
finalmente
evola-se o poema daquele dia
- que fala em coisa muito diferente…

AS CIDADES PEQUENAS

As moças das cidades pequenas
com o seu sorriso e o estampado claro de seus vestidos
são a própria vida. Elas
é que alvorotam a praça. Por elas
é que os sinos festivamente batem, aos domingos.
Por elas, e não para a missa!… Mas Deus não se importa Afinal,
só nessas cidadezinhas humildes
é que ainda o chamam de Deus Nosso Senhor…

CRÔNICA

Sia Rosaura tirava a dentadura para comer
Por isso ela tinha o sorriso postiço mais sincero da minha rua
Dona Maruca fazia uns biscoitinhos minúsculos, estalantes e secos chamados mentirinhas
Eduviges era pálida e lia romances lacrimosos de Perez Escrich
Tanto suspirou em cima deles que acabou fugindo com um caixeiro-viajante
O tempo se desenrolava como um rio por entre as casas de porta e janela
Pequenas vidas
Pequenos sonhos
Na noite imensa as estrelas eram como girândolas brancas que houvessem parado
Sentados à porta
- dois santos, dois mágicos, dois sábios -
meu velho Tio Libório e o velho farmacêutico
propunham-se e compunham charadas
que depois orgulhosamente remetiam sob nomes supostos
para o grande anuário estatístico recreativo e literário da capital do Estado.

SOLAU À MODA ANTIGA

Senhora, eu vos amo tanto
Que até por vosso marido
Me dá um certo quebranto…
Pois que tem que a gente inclua
No mesmo alastrante amor
Pessoa, animal ou cousa
Ou seja lá o que for.
Só porque os banha o esplendor
Daquela a quem se ama tanto:
E sendo desta maneira.
Não me culpeis, por favor,
Da chama que ardente abrasa
O nome de vossa rua,
Vossa gente e vossa casa
E vossa linda macieira
Que ainda ontem deu flor…

xxxxxxxxx

Quem disse que a poesia é apenas
agreste avena?
A poesia é a eterna Tomada da Bastilha
o eterno quebra-quebra
o enforcar de judas, executivos e catedráticos em todas as esquinas

a um ruflar poderoso de asas,
entre cortinas incendiadas,
os Anjos do Senhor estuprando as mais belas filhas dos mortais…
Deles, nascem os poetas.
Não todos… Os legítimos
espúrios:
um Rimbaud, um Poe, um Cruz e Sousa…

(Rege-os, misteriosamente, o décimo terceiro signo do Zodíaco.)

O POETA CANTA A SI MESMO

O poeta canta a si mesmo
porque nele é que os olhos das amadas
têm esse brilho a um tempo inocente e perverso…

O poeta canta a si mesmo
porque num seu único verso
pende - lúcida, amarga -
uma gota fugida a esse mar incessante do tempo…

Porque o seu coração é uma porta batendo
a todos os ventos do universo.

Porque além de si mesmo ele não sabe nada
ou que Deus por nascer está tentando agora ansiosamente respirar
neste seu pobre ritmo disperso

O poeta canta a si mesmo
porque de si mesmo é diverso.

A CANÇÃO DA VIDA

A vida é louca
a vida é uma sarabanda
é um corrupio…
A vida múltipla dá-se as mãos como um bando
de raparigas em flor
e está cantando
em torno a ti:
Como eu sou bela
amor!
Entra em mim, como em uma tela
de Renoir
enquanto é primavera,
enquanto o mundo
não poluir
o azul do ar!
Não vás ficar
não vás ficar
ai…
como um salso chorando
na beira do rio…
(Como a vida é bela! como a vida é louca!)

AS MÃOS DE MEU PAI

As tuas mãos têm grossas veias como cordas azuis
sobre um fundo de manchas já da cor da terra
- como são belas as tuas mãos
pelo quanto lidaram, acariciaram ou fremiram da nobre cólera dos justos…
Porque há nas tuas mãos, meu velho pai, essa beleza que se chama simplesmente vida.
E, ao entardecer, quando elas repousam nos braços da tua cadeira predileta,
Uma luz parece vir de dentro delas
Virá dessa chama que pouco a pouco, longamente, vieste alimentando na terrível solidão do mundo,
como quem junta uns gravetos e tenta acendê-los contra o vento?
Ah! Como os fizeste arder, fulgir, com o milagre das tuas mãos!
E é, ainda, a vida que transfigura as tuas mãos nodosas…
essa chama de vida - que transcende a própria vida
… e que os Anjos, um dia, chamarão de alma.

Preparativos de Viagem

A louca agitação das vésperas de partida!
Com a algazarra das crianças atrapalhando tudo
E a gente esquecendo o que devia trazer,
Trazendo coisas que deviam ficar…
Mas é que as coisas também querem partir,
As coisas também querem chegar
A qualquer parte! - desde que não seja
Este eterno mesmo lugar…
E em vão o Pai procura assumir o comando:
Mas acabou-se a autoridade…
Só existe no mundo esta grande novidade:
VIAJAR!

QUEM DISSE QUE EU ME MUDEI?

Não importa que a tenham demolido:
A gente continua morando na velha casa em que nasceu.

PRIMEIRO POEMA DE ABRIL

Para Evelyn Berg

Vem vindo o abril tão belo em sua barca de ouro!
Um copo de cristal inventa as cores todas do arco-íris.
Eu procuro
As moedinhas de luz perdidas na grama dos teus olhos verdes.
E até onde, me diz,
Até onde irá dar essa veiazinha aqui?
(Abril é bom para estudar Corpografia!)

O GATO

O gato chega à porta do quarto onde escrevo.
Entrepara… hesita… avança…
Fita-me.
Fitamo-nos.
Olhos nos olhos…
Quase com tenor!
Como duas criaturas incomunicáveis e solitárias
Que fossem feitas cada uma por um Deus diferente.

POEMINHA SENTIMENTAL

O meu amor, o meu amor, Maria
É como um fio telegráfico da estrada
Aonde vêm pousar as andorinhas…
De vez em quando chega uma
E canta
(Não sei se as andorinhas cantam, mas vá lá!)
Canta e vai-se embora
Outra, nem isso,
Mal chega, vai-se embora.
A última que passou
Limitou-se a fazer cocô
No meu pobre fio de vida!
No entanto, Maria, o meu amor é sempre o mesmo:
As andorinhas é que mudam.

O VELHO POETA

Velho? Mas como?! Se ele nasceu na manhã de hoje…
Não sabe o que fazer do mundo.
Das suas mãos,
De si mesmo.
Do seu sempre primeiro e penúltimo amor…
E - quem diria? - o que ele mais teme na vida é o seu próximo poema!
Porque está sempre perigando sair tão comovedoramente ruinzinho
Como os primeiros poemas que ele escreveu menino…

SEMPRE QUE CHOVE

Sempre que chove
Tudo faz tanto tempo…
E qualquer poema que acaso eu escreva
Vem sempre datado de 1779!

O ÚLTIMO POEMA

Enquanto me davam a extrema-unção,
Eu estava distraído…
Ah, essa mania incorrigível de estar pensando sempre noutra coisa!
Aliás, tudo é sempre outra coisa
- segredo da poesia -
E, enquanto a voz do padre zumbia como um besouro,
Eu pensava era nos meus primeiros sapatos
Que continuavam andando, que continuam andando,
Até hoje
Pelos caminhos deste mundo.

A IMAGEM PERDIDA

Para Sergio Faraco

Como essas coisas que não valem nada
E parecem guardadas sem motivo
(Alguma folha seca… uma taça quebrada)
Eu só tenho um valor estimativo…

Nos olhos que me querem é que eu vivo
Esta existência efêmera e encantada…
Um dia hão de extinguir-se e, então, mais nada
Refletirá meu vulto vago e esquivo…

E cerraram-se os olhos das amadas,
O meu nome fugiu de seus lábios vermelhos,
Nunca mais, de um amigo, o caloroso abraço…

E, no entretanto, em meio desta longa viagem,
Muitas vezes parei… e, nos espelhos,
Procuro em vão, minha perdida imagem!

A Cor do Invisível

PORTO PARADO

No movimento
lento
das barcaças
amarradas
o dia,
sonolento
vai inventando as variações das nuvens…

AS ESTRELAS

Foram-se abrindo aos poucos as estrelas…
De margaridas lindo campo em flor!
Tão alto o Céu!… Pudesse eu ir colhê-las…
Diria alguma se me tens amor.

Estrelas altas! Que se importam elas?
Tão longe estão… Tão longe deste mundo…
Trêmulo bando de distantes velas
Ancoradas no azul do céu profundo…

Porém meu coração quase parava,
Lá foram voando as esperanças minhas
Quando uma, dentre aquelas estrelinhas,

Deus a guie! do céu se despencou…
Com certeza era o amor que tu me tinhas
Que repentinamente se acabou!

1934

CARTA

Eu queria trazer-te uma imagem qualquer
para os teus anos…
Oh! mas apenas este vazio doloroso
de uma sala de espera onde não está ninguém…
É que,
longe de ti, de tuas mãos milagrosas
de onde os meus versos voavam - pássaros de luz
a que deste vida com o teu calor -
é que longe de ti eu me sinto perdido
- sabes? -
desertamente perdido de mim!
Em vão procuro…
mas só vejo de bom, mas só vejo de puro
este céu que eu avisto da minha janela.
E assim, querida,
eu te mando este céu, todo este céu de Porto Alegre
e aquela
nuvenzinha
que está sonhando, agora, em pleno azul!

JARDIM INTERIOR

Todos os jardins deviam ser fechados,
com altos muros de um cinza muito pálido,
onde uma fonte
pudesse cantar
sozinha
entre o vermelho dos cravos.
O que mata um jardim não é mesmo
alguma ausência
nem o abandono…
O que mata um jardim é esse olhar vazio
de quem por eles passa indiferente.

A MUDANÇA

Para a Sandra

A alegre, a festiva agitação das panelas e tachos
A inútil zanga dos velhos armários de mogno, solenes,
Achando tudo aquilo uma grande palhaçada…
As xícaras e pires fazendo tlin-tlin-tlin-tlin
As gaiolas dos passarinhos cantando em coro com os próprios passarinhos
Oh! a alegria das coisas com aquela mudança
Para onde? Não importa! Desde que não seja
Este eterno mesmo lugar

MAGIAS

Os antigos retratos de parede
Não conseguem ficar por longo tempo abstratos.
Às vezes os seus olhos te fitam, obstinados.
Porque eles nunca se desumanizam de todo.
Jamais te voltes para trás de repente:
Poderias pegá-los em flagrante.
Não, não olhes nunca!
O melhor é cantares cantigas loucas e sem fim…
Sem fim e sem sentido…
Dessas que a gente inventava para enganar a solidão dos caminhos sem lua.

O FUTURO

Na bola de cristal procuro o meu futuro:
futuro tão brilhante que aos olhos me faz mal…
Não, não esse brilho fácil das girândolas,
mas uma súbita, silenciosa explosão de cores
- prenúncio da total subversão! -
até que então o Grande Mágico
regendo o novo Caos
(… e mesmo porque nada pode ser destruído…)
até que o Grande Mágico
- afinal -
com todos os espantosos subprodutos da última Bomba H
recomponha o milagre de cada indivíduo!

DEDICATÓRIA

Quem foi que disse que eu escrevo para as elites?
Quem foi que disse que eu escrevo para o bas-fond?
Eu escrevo para a Maria de Todo o Dia.
Eu escrevo para o João Cara de Pão.
Para você, que está com este jornal na mão…
E de súbito descobre que a única novidade é a poesia,
O resto não passa de crônica policial - social política.
E os jornais sempre proclamam que "a situação é crítica"!
Mas eu escrevo é para o João e a Maria,
Que quase sempre estão em situação crítica!
E por isso as minhas palavras são quotidianas como o pão nosso de cada dia
E a minha poesia é natural e simples como a água bebida na concha da mão.

NÃO BASTA SABER AMAR…

Para Milton Quintana

Neste mundo, que tanto mal encerra,
não basta saber amar,
mas também saber odiar,
não só servir a paz, mas também ir para a guerra.
Seguiremos assim o próprio exemplo
de Jesus, que tanto amor pregou na Terra… ,
quando Ele,
num ímpeto de cólera,
a relhaço expulsou os vendilhões do templo!

INSCRIÇÃO PARA UM PORTÃO DE CEMITÉRIO

Na mesma pedra se encontram,
Conforme o povo traduz,
Quando se nasce - uma estrela,
Quando se morre - uma cruz.
Mas quantos que aqui repousam
Hão de emendar-nos assim:
"Ponham-me a cruz no princípio…
E a luz da estrela no fim!"

QUEM AMA INVENTA

Quem ama inventa as coisas a que ama…
Talvez chegaste quando eu te sonhava.
Então de súbito acendeu-se a chama!
Era a brasa dormida que acordava…
E era um revoo sobre a ramaria,
No ar atônito bimbalhavam sinos,
Tangidos por uns anjos peregrinos
Cujo dom é fazer ressurreições…
Um ritmo divino? Oh! Simplesmente
O palpitar de nossos corações
Batendo juntos e festivamente,
Ou sozinhos, num ritmo tristonho…
Ó! meu pobre, meu grande amor distante.
Nem sabes tu o bem que faz à gente
Haver sonhado… e ter vivido o sonho!

À MANEIRA DE JACQUES PRÉ VERT

Um homem de visão com uma mulher de vison
Um homem público e uma mulher pública
A poluição diurna e as poluções noturnas
O rabo do olho num rabo de saia
Um gato escaldado e um cachorro-quente
Um tigre de Bengala e um gato de guarda-chuva

VERÃO

Quando os sapatos fingem
- quem diria?
São os teus pés que estão cantando!

O SILÊNCIO

O mundo, às vezes, fica-me tão insignificativo
Como um filme que houvesse perdido de repente o som.
Vejo homens, mulheres: peixes abrindo e fechando a boca num aquário
Ou multidões: macacos pula-pulando nas arquibancadas dos estádios…
Mas o mais triste é essa tristeza toda colorida dos carnavais
Como a maquilagem das velhas prostitutas fazendo trottoir.
As vezes eu penso que já fui um dia um rei, imóvel no seu palanque,
Obrigado a ficar olhando
Intermináveis desfiles, torneios, procissões, tudo isso…
Oh! Decididamente o meu reino não é deste mundo!
Nem do outro…

O UMBIGO

O teu querido umbiguinho,
Doce ninho do meu beijo
Capital do meu Desejo,
Em suas dobras misteriosas,
Ouço a voz da natureza
Num eco doce e profundo,
Não só o centro de um corpo,
Também o centro do mundo!

ESTATÍSTICA

As crianças,
sem um tiro aliás,
e isso é que tomava o caso ainda mais espantoso,
morriam mais do que índios nos filmes norte-americanos.
E quando a gente acaso perguntava,
para se mostrar atencioso:
"Quantos filhos a senhora tem, Comadre?"
a comadre respondia, com ternura:
"Eu tenho quatro filhos e nove anjinhos… "

AS CIVILIZAÇÕES

As civilizações desabam
por implosão…
Depois,
como um filme passando às avessas
elas se erguem em câmera lenta do chão.
Não há de ser nada…
Os arqueólogos esperam, pacientemente,
A sua ocasião!

AH! OS RELÓGIOS

Amigos, não consultem os relógios
quando um dia eu me for de vossas vidas
em seus fúteis problemas tão perdidas
que até parecem mais uns necrológios…

Porque o tempo é uma invenção da morte:
não o conhece a vida - a verdadeira -
em que basta um momento de poesia
para nos dar a eternidade inteira.

Inteira, sim, porque essa vida eterna
somente por si mesma é dividida:
não cabe, a cada qual, uma porção.

E os Anjos entreolham-se espantados
quando alguém - ao voltar a si da vida -
acaso lhes indaga que horas são…

MATINAL

Entra o sol, gato amarelo, e fica
à minha espreita, no tapete claro.
Antes de abrir os olhos, sei que o dia
virá olhar-me por detrás das árvores.

Ah! sentir-me ainda vivo sobre a face da Terra
enquanto a vida me devora…
Me espreguiço, entredurmo… O anjo da luz espera-me
Como alguém que vigiasse uma crisálida.

Pé ante pé, do leito, aproxima-se um verso
para a canção de despertar:
os ritmos do tráfego vibram como uma cigarra,

a tua voz nas minhas veias corre,
e alguns pedaços coloridos do meu sonho
devem andar por esse ar, perdidos…

EU ESCREVI UM POEMA TRISTE
Eu escrevi um poema triste
E belo, apenas da sua tristeza.
Não vem de ti essa tristeza
Mas das mudanças do Tempo,
Que ora nos traz esperanças
Ora nos dá incerteza…
Nem importa, ao velho Tempo,
Que sejas fiel ou infiel…
Eu fico, junto à correnteza,
Olhando as horas tão breves…
E das cartas que me escreves
Faço barcos de papel!

POEMA

Tão nossa e tão além
- a que mundo pertences, Greta Garbo?
Oh, desde os laranjais em flor:
Ana… Cristina… Margarida… tantas
e tantas… como te amei… Visão!
As outras agora
é que me parecem irreais
- sombras que se esvaíram numa tela…
Tu? Não!
Instante e eternidade,
o teu sorriso é imemorial como as Pirâmides
e puro como a flor que abriu na manhã de hoje!

FANTÁSTICA

Ampla se estende a erma planície nua.
Cobre-a o funéreo manto do luar
E cada sombra no chão se recorta
Com nitidez de paisagem lunar.

Mas que imobilidade singular
Que as coisas têm! E que nudez! Aflito,
O ouvido indaga, espera… E nem um grito
Vem o imóvel silêncio apunhalar.

Mostra-se a Lua. A sua enorme face
Lembra um disco de prata formidando
Que um Titã aos Céus arremessasse;

Vem branca, branca, de um palor que pasma.
E enquanto vai a Lua transmontando
Uiva lugubremente um cão fantasma.

1923

DO IDEAL

Como são belas
indizivelmente belas
essas estátuas mutiladas…
Porque nós mesmos lhes esculpimos
- com a matéria invisível do ar
o gesto de um braço… uma cabeça anelada… um seio…
tudo o que lhes falta!

ESSA LEMBRANÇA QUE NOS VEM

Essa lembrança que nos vem às vezes…
folha súbita
que tomba
abrindo na memória a flor silenciosa
de mil e uma pétalas concêntricas…
Essa lembrança… mas de onde? de quem?
Essa lembrança talvez nem seja nossa,
mas de alguém que, pensando em nós, só possa
mandar um eco do seu pensamento
nessa mensagem pelos céus perdida…
Ai! Tão perdida
que nem se possa saber mais de quem!

LÁGRIMA

Denso, mas transparente
Como uma lágrima…
Quem me dera
Um poema assim!
Mas…
Este rascar da pena! Esse
Ringir das articulações… Não ouves?!
Ai do poema
Que assim escreve a mão infiel
Enquanto - em silêncio - a pobre alma
Pacientemente espera.

MAQUINAÇÕES DA INSÔNIA

Na meia-noite da memória
O relógio de meu pai
Abre-se ao meio como um fruto
O pince-nez de Tia Élida
Com seu frágil brilho de prata
Anula-se…
Suspiro: a menina aquela
A menina que eu mais gostava
Tinha uns olhos cor-de-cinza…
Onde andará seu fantasminha?
Tudo agora se enevoa… Fim?
Mas de repente, ó Adalgisa,
Ressuscitas-me
Oh! A menininha…
A tia…
O relógio de meu pai…
E a minha mão como um polvo
Na tua vulva convulsa!

ESSES INQUIETOS VENTOS

Esses inquietos ventos andarilhos
Passam e dizem: "Vamos caminhar,
Nós conhecemos misteriosos trilhos.
Bosques antigos onde é bom sonhar…

E há tantas virgens a sonhar idílios!
E tu não vieste, sob a paz lunar,
Beijar os seus entrefechados cílios
E as dolorosas bocas a ofegar… "

Os ventos vêm e batem-me à janela:
"A tua vida, que fizeste dela?"
E chega a morte: "Anda! Vem dormir… "

Faz tanto frio… E é tão macia a cama:
Mas toda a longa noite inda hei de ouvir
A inquieta voz do vento que me chama!

1935

O QUE O VENTO NÃO LEVOU

No fim tu hás de ver que as coisas mais leves são as únicas
que o vento não conseguiu levar:
um estribilho antigo
um carinho no momento preciso
o folhear de um livro de poemas
o cheiro que tinha um dia o próprio vento…

OBRA DE MÁRIO QUINTANA

LIVROS PUBLICADOS:

A rua dos cataventos. Porto Alegre: Globo, 1940; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1992.

Canções. Porto Alegre: Globo, 1946. Ilustrações de Noêmia.

Sapato florido. Porto Alegre: Globo, 1948.

O batalhão das letras. Porto Alegre: Globo, 1948. Ilustrações de Vera Muccillo; Rio de Janeiro: Globo,1984.

O aprendiz de feiticeiro. Porto Alegre: Globo, 1950.

Espelho mágico. Porto Alegre: Globo, 1951.

Inéditos e esparsos. Alegrete: Cadernos do Extremo Sul,1953.

Poesias. Porto Alegre: Globo, 1962. Reunião de: A rua dos cataventos. Canções. Sapato florido. Aprendiz de feiticeiro. Espelho mágico.

Antologia poética. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1966. Seleção de Rubem Braga.

Pé de pilão. Petrópolis: Vozes, 1968. Ilustrações de Luiz Antônio Pires; Porto Alegre: Garatuja & Instituto Estadual do Livro, 1975. Ilustrações de Edgar Koetz.

Caderno H. Porto Alegre: Globo, 1973.

Apontamentos de história sobrenatural. Porto Alegre: Globo & Instituto Estadual do Livro, 1976.

Quintanares. Porto Alegre: Globo, 1976.

A vaca e o hipogrifo. Porto Alegre: Garatuja, 1977; Porto Alegre: L&PM, 1977.

Prosa & verso. Porto Alegre: Globo, 1978.

Na volta da esquina. Porto Alegre: Globo & RBS, 1979.

Esconderijos do tempo. Porto Alegre: L&PM, 1980.Ilustrações de Vitório Gheno.

Nova antologia poética. Rio de Janeiro: Codecri, 1981; Rio de Janeiro: Globo, 1995.

Mario Quintana. São Paulo: Abril Educação, 1982. Seleção de Regina Zilberman.

Lili inventa o mundo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983. Ilustrações de Heloísa Schneiders da Silva.

Os melhores poemas de Mario Quintana. São Paulo: Global, 1983. Seleção de Fausto Cunha.

Nariz de vidro. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. Seleção de Mery Weiss. Ilustrações de Marco Cena.

O sapato amarelo. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. Seleção de Mery Weiss. Ilustrações de Marco Cena.

Primavera cruza o rio. Rio de Janeiro: Globo, 1985.

Baú de espantos. Rio de Janeiro: Globo, 1986.

Oitenta anos de poesia. Rio de Janeiro: Globo, 1986. Seleção de Tânia Franco Carvalhal.

Preparativos de viagem. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

Da preguiça como método de trabalho. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

Porta giratória. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

Antologia poética de Mário Quintana. Rio de Janeiro: Ediouro, 1989.

A cor do invisível. Rio de Janeiro: Globo, 1989.

Velório sem defunto. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.

Sapato furado. São Paulo: FTD, 1994.

No exterior:

Objetos perdidos y outros poemas: antologia bilíngue. Estúdio introductorio, notas y selección de Santiago Kovadloff. Tradução de Estela dos Santos. Buenos Aires: Calicanto, 1979.

Mario Quintana. Poemas. Tradução de César Calvo, Prólogo de Peter Elmore. Lima, Peru: Centro de Estudios Brasileños, 1984.

PARTICIPAÇÃO EM ANTOLOGIAS:

Obras-primas da lírica brasileira. São Paulo: Martins, 1943. Organização de Manuel Bandeira.

Coletânea de poetas sul-rio-grandenses. 1834-1951. Rio de Janeiro: Minerva, 1952. Organização de Antônio Carlos Machado.

Antologia da poesia brasileira moderna. 1922-1947. São Paulo: Clube de Poesia de São Paulo 1953. Organização de Carlos Burlamaqui Kopke.

Poesia nossa. Rio de Janeiro: Laemmert, 1954. Organização de Júlio Nogueira.

Antologia poética para a infância e a juventude. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961. Organização de Henriqueta Lisboa.

Antologia da moderna poesia brasileira. Rio de Janeiro: Orfeu, 1967. Organização de Fernando Ferreira de Loanda.

Antologia dos poetas brasileiros. Rio de Janeiro: Ediouro, 1967. Organização de Manuel Bandeira e Walmir Ayala.

Poesia moderna. São Paulo: Melhoramentos, 1967. Organização de Péricles Eugênio da Silva Santos.

Antologia da Estância da Poesia Crioula. Porto Alegre: Sulina, 1972.

Porto Alegre ontem e hoje. Porto Alegre: Movimento, 1971.

Dicionário antológico das literaturas portuguesa e brasileira. São Paulo: Formar, 1971.

Trovadores do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Sulina, 1972. Organização de Nelson Fachinelli.

Assim escrevem os gaúchos. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976. Organização de Janer Cristaldo.

Antologia da literatura rio-grandense contemporânea. Poesia e crônica. Porto Alegre: L&PM, 1979. Organização de Antônio Hohlfeldt.

Histórias de vinho. Porto Alegre: L&PM, 1980.

Para gostar de ler: Poesias. São Paulo: Atica, 1980, v.6.

Te quero verde. Poesia e consciência ecológica. Rio de Janeiro, 1982. Organização de Patrícia Kranz e Afonso Henriques Neto.

No exterior:

La poésie brésilienne. 1930-1940. Rio de Janeiro: Alba, 1941. Organização de Henri de Lanteuil (p/circulação no exterior).

Brazilian literature. An outline. New York: MacMillan,1945. Seleção e textos de Érico Veríssimo.

Poesía brasileña contemporânea. 1920-1946. Montevideo: Instituto de Cultura Uruguayo-Brasileño, 1947. Organização de Gastón Figuera.

Antología de la poesía brasileña. Madrid: Cultural Hispánica, 1952. Organização de Renato Mendonça.

La Poésie brésilienne contemporaine. Paris: Pierre Tisné, 1954. Organização de A. D. Tavares Bastos.

Un secolo di poesia brasiliana. Siena: Maia, 1954. Organização de Mercedes La Valle. Tradução de Enzio Volture.

Antología de la poesia brasileña. Buenos Aires: Nuestra América, 1959. Cuadernillos de Poesía (39).

Antología de la poesía brasileña. Desde el Romanticismo a la Generación de Cuarenta y Cinco. Barcelona: Seix Barral, 1973. Organização de Angel Crespo.

Chew me up slowly (Caderno H). Porto Alegre: Globo & Riocell. 1978. Tradução de Maria da Glória Bordini e Diane Grosklauss (p/circulação no exterior).

Las voces solidarias. Buenos Aires: Calicanto, 1978. Organização de Santiago Kovadloff.

TRADUÇÕES:

PAPINI, Giovanni. Palavras e sangue. Porto Alegre: Globo, 1934.

MARSYAT, Fred. O navio fantasma. Porto Alegre: Globo, 1937.

VARALDO, Alessandro. Gata persa. Porto Alegre: Globo. 1938.

LUDWIG, Emil. Memórias de um caçador de homens. Porto Alegre: Globo, 1939.

CONRAD, Joseph. Lord Jim. Porto Alegre: Globo,1939.

STACPOOLE, H. de Vere. A laguna azul. Porto Alegre: Globo, 1940.

GRAVE, R. Eu, Claudius Imperator. Porto Alegre: Globo, 1940.

MORGAN, Charles. Sparkenbroke. Porto Alegre: Globo, 1941.

YUTANG, Lin. A importância de viver. Porto Alegre: Globo, 1941.

BRAUN, Vicki. Hotel Shangai. Porto Alegre: Globo, 1942.

FULOP-MILLER, René. Os grandes sonhos da humanidade. Porto Alegre: Globo, 1942 (de parceria com R. Ledoux).

MAUPASSANT, Guy de. Contos. Porto Alegre: Globo, 1943.

LAMB, Charles & LAMB. Mary Ann. Contos de Shakespeare. Porto Alegre: Globo, 1943.

MORGAN, Charles. A fonte. Porto Alegre: Globo, 1944.

MAUROIS, André. Os silêncios do Coronel Branble. Porto Alegre: Globo, 1944.

LEHMANN, Rosamond. Poeira. Porto Alegre: Globo,

1945.

JAMES, Francis. O albergue das dores. Porto Alegre: Globo, 1945.

LAFAYETTE, Condessa de. A princesa de Cléves. Porto Alegre: Globo. 1945.

BEAUMARCHAJS O barbeiro de Sevilha ou a precaução inútil. Porto Alegre: Globo, 1946.

WOOLF, Virginia. Mrs. Dalloway. Porto Alegre: Globo, 1946.

PROUST, Marcel. No caminho de Swann. Porto Alegre: Globo, 1948.

BROWN, Frederick. Tio prodigioso. Porto Alegre: Globo, 1951.

HUXLEY, Aldous. Duas ou três graças. Porto Alegre: Globo. 1951.

MAUGHAM, Somerset. Confissões. Porto Alegre: Globo, 1951.

PROUST, Marcel. À sombra das raparigas em flor. Porto alegre: Globo, 1951.

VOLTAIRE. Contos e novelas. Porto Alegre: Globo, 1951.

BALZAC, Honoré de. Os sofrimentos do inventor. Porto Alegre: Globo, 1951.

MAUGHAM, Somerset. Biombo chinês. Porto Alegre: Globo. 1952.

THOMAS, Henry & ARNOLD, Dana. Vidas de homens notáveis. Porto Alegre: Globo, 1952.

GRENNE, Graham. O poder e a glória. Porto Alegre. Globo, 1953.

PROUST, Marcel. O caminho de Guermantes. Porto Alegre: Globo, 1953.

PROUST, Marcel. Sodoma e Gomorra. Porto Alegre: Globo, 1954.

BALZAC, Honoré de. Uma paixão no deserto. Porto Alegre: Globo, 1954.

MÉRIMÉE, Prosper. Novelas completas. Porto Alegre: Globo, 1954.

MAUGHAM, Somerset. Cavalheiro de salão. Porto Alegre: Globo, 1954.

BUCK, Pearl S. Debaixo do céu. Porto Alegre: Globo, 1955.

BALZAC, Honoré de. Os proscritos. Porto Alegre: Globo, 1955.

BALZAC, Honoré de. SeráJita. Porto Alegre: Globo, 1955.

A rua dos Cataventos



Mario Quintana

EDIÇÕES EREMITA